

# José Leite de Vasconcelos. Primeira correspondência para os pais e uma carta ao seu tio António – transcrições, anotações e comentários

MANUEL SERAFIM PINTO\*

## RESUMO

Esta primeira correspondência, dirigida por José Leite de Vasconcelos aos pais e ao seu tio António, constitui uma documentação inédita e a única conhecida no seu relacionamento familiar. Estas espécies tornam-se relevantes por demonstrarem, para além da amizade que nutria pelos pais e o reconhecimento pela ajuda do tio, as necessidades e as aspirações da juventude superadas por extremado empenho no trabalho, com o qual também ajudava os pais, sempre acompanhado das investigações de campo que eram o prelúdio de uma vida dedicada à arqueologia, etnografia, filologia e etnologia... As dificuldades da sua juventude, passadas num contexto social, económico e político de grande adversidade, obrigaram a que se fizessem breves explicações de conjunturas que faziam parte desses mesmos contextos.

Palavras-chave: José Leite de Vasconcelos – Correspondência – Pais – Tio António

## ABSTRACT

*The first correspondence, addressed by José Leite de Vasconcelos to his parents and to his uncle António, constitutes an inedited documentation and the only one known on his family relationships. Such samples are relevant because they show, besides the friendship towards his parents and the gratitude for his uncle's help, the needs and ambitions of*

---

\* Prof. Doutor em Sociologia.

*youth, overcome by extreme commitment to work with which he also supported his parents. His work was always complemented by field research, which has been the commencement of a life devoted to archaeology, ethnography, philology and ethnology...The difficulties of his youth, endured in a social, economical and political context of great distress, imposed brief explanations of the conjunctures that were part of such contexts.*

*Keywords: José Leite de Vasconcelos – Correspondence – Parents – Uncle António*

## INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

As cartas de José Leite de Vasconcelos<sup>1</sup>, que aqui apresentamos, encontram-se na biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia e, para o seu estudo, foram dispostas por ordem cronológica; quando não têm afixada uma data expressa, foi a mesma determinada a partir de elementos que se encontram nesse mesmo texto. Realizou-se, portanto, uma inferência sustentada em dados concretos, transmitidos pelo autor ou por indicações referidas por outros autores para se poder encontrar essa mesma datação. Deste modo, apesar da prévia invisibilidade que existe numa simples leitura, encontra-se a localização temporal que poderá ser de utilidade para futuras investigações. Dentro da preocupação anterior, face à inexistência de uma prévia catalogação, encontrando-se estas cartas no epistolário de sua mãe, D<sup>ª</sup>. Maria Henriqueta Leite de Vasconcelos Pereira de Melo, numeraram-se de 1 a 5, mantendo a cronologia assim determinada, com o objectivo de as poder utilizar, com maior rigor e facilidade de manuseamento relativamente a outras possíveis investigações que sejam feitas a partir deste trabalho. Só a carta enviada por Leite de Vasconcelos a seu tio António Leite tem a catalogação atribuída pelo Museu Nacional de Arqueologia - MNA – n.º de autor 3709, n.º de espécie 24242 – e que, na sequência cronológica deste trabalho, toma a numeração seis.

Todos os termos que não fazem parte do texto original destas cartas e que se entendeu que deveriam ser introduzidos, por pertinência explicativa ou por actualização ortográfica, encontram-se entre parênteses rectos. Do mesmo modo, se colocaram as datações determinadas, as eventuais notas que não careceram de

---

<sup>1</sup> Sendo o seu nome completo José Leite de Vasconcelos Pereira de Melo.

ficar em nota de rodapé, assim como as interrogações sobre palavras que não foi possível decifrar no texto da juventude de Leite de Vasconcelos.

A importância das primeiras quatro cartas é muito significativa, porque confirmam e complementam as informações sobre Leite de Vasconcelos que temos de outros autores.

Este grupo de cartas insere-se no período da vida que denominamos por “juventude em amadurecimento”, face ao afastamento da família e ao início de uma vida fora da terra que o viu nascer, na Ucanha, no concelho de Mondim da Beira<sup>2</sup>. No Porto, estava longe dos amigos que lhe vinham da infância e encontrava-se na maior cidade industrial da época, com um isolamento individual que é próprio dos grandes centros urbanos caracterizados pelo “tamanho, pela densidade e pela heterogeneidade” (Wirth, 1938, p. 91-113). Nesta cidade havia iniciado uma nova vida, no meio de uma grande concentração urbana, com pessoas e com serviços diferentes do meio rural onde as pequenas urbes, na época, ainda continham elementos transferidos da aldeia, como o inter-conhecimento, as relações de vizinhança e a solidariedade social. Estes pequenos lugares ainda tinham relações sociais estreitas orientadas pela aceitação e pelo cumprimento dos “usos e dos costumes” impregnados de valores que, elaborados ao longo do tempo, vindos de um passado, determinavam as representações colectivas e socializavam todos os seus habitantes. Um meio caracterizado pela ruralidade que se foi transformando ao longo do tempo, mas que na sua produção não foi “meramente um mecanismo físico e uma construção artificial” (Park, 1916, p. 27-67), era e é, antes, uma produção das pessoas que o habitavam e um meio permanentemente socializante intra e inter-familiar e de aculturação regional.

Esta diferenciação de *habitat* não separa os meios, estão ligados por um *continuum* nos contextos político, social e económico do país, o que levou a que se procedesse, no final de cada carta, a um comentário circunstanciado. Comentários que, utilizando a “análise de conteúdo” (Guerra, 2006), pretendem transmitir esclarecimentos sobre

<sup>2</sup> “Em 1836, eliminado o conc. da Ucanha, entraram para o de Mondim as suas freg., a saber: Cimbres, Granja Nova, Salzedas, Ucanha e Vila Chã de Cangeiros, as quais, com as de Almofala, Mondim e S. João de Tarouca, constituíram o conc. de Mondim da Beira que, resistindo às eliminações de 1834-35 [A reforma administrativa de 1832-1834 de Mouzinho da Silveira que acentuou o poder central e diminuiu a participação das populações e que, com o ‘Decreto n.º 23, de Maio de 1832... de uma só assentada suprimiu 455 municípios.... Em 1835... os deputados tomaram uma série de iniciativas legislativas que visavam, obviamente, diminuir o alcance e até impedir a concretização da legislação de Mouzinho da Silveira’. (Oliveira, 1996, p. 208) e às de 1855 [depois da criação do Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, pelo Decreto-Lei de 30 de Agosto de 1852, que apertava o controlo sobre a administração local], se manteve até 26-VII-1896 [decorrente da aplicação do Decreto de 2 de Março de 1895], em que foi extinto; quase todas as suas freg. passaram para o de Tarouca que foi restaurado em 1898. De 1896 a 1898, a freg. de Mondim esteve incluída no concelho de Lamego”. (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol 17, p. 599).

a expressão ou a construção proposicional discursiva inserida em factos sociais, políticos e económicos, ocorridos na época em que foi escrita a correspondência.

A sexta carta foi enviada ao tio António Leite, que habitava no Porto, empregado “ao serviço das obras públicas, além de mestre de primeiras letras” (Guerreiro, 1994, p. 58), que sempre o havia apoiado criando-lhe as condições indispensáveis para ir trabalhar e estudar para o Porto e a quem, depois do pai e da mãe, dedicou um dos seus trabalhos, pedindo-lhe, humildemente, desculpa por não ser um trabalho de maior envergadura.

Com esta metodologia, por um lado, proporciona-se um enquadramento do texto na realidade social, económica e política, para quem lê estas cartas pela primeira vez e, por outro, pretende-se criar “pontos de partida” ou matéria de reflexão, que não cabem neste pequeno trabalho, para outros investigadores que queiram dar continuidade aos estudos sobre a vida e a obra de Leite de Vasconcelos.

### Cartas com anotações e comentários

#### Carta n.º 1 (fig. 1)

[7 Janeiro<sup>3</sup> de 1876]<sup>4</sup>

Cara Mamã

Já estou no Lyceu [liceu], e é de aí que escrevo.

Poderei dar mais algumas notícias.

Entrei hontem [ontem] no collegio [colégio] de manhã e hontem [ontem] tambem [também] comecei a escrever no Lyceu [liceu]. Às vezes ha [há] muito que fazer, mas agora não.

<sup>3</sup> Segundo a carta do tio António Leite: “Deve vir no dia de Reis ou estar aqui na véspera” (Guerreiro, 1994, p. 58). O autor desta carta escreveu aos pais no dia a seguir a ter chegado ao Porto; sendo o dia de Reis a 6 de Janeiro, infere-se que a data da carta seja no dia imediato.

<sup>4</sup> Se Leite de Vasconcelos foi para o liceu aos 17 anos (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 14, p. 882), esta carta, por ser a primeira, teria sido escrita com essa mesma idade, o que corresponderia numa primeira leitura ao ano de 1875 o que não é verdadeiro. A ida para o Porto, a entrada para o liceu e para o colégio, tal como a informação anterior, parecem ser indicadores suficientes para a determinação da data encontrada. Contudo, no interesse de confirmar esta informação procedeu-se a outras leituras. Os elementos que foram recolhidos noutros textos, mais actualizados e feitos por pessoas que com ele directamente lidaram, como o caso de Pinho Brandão, confirmam a indicação de ter chegado ao Porto em 1876 (Brandão, 1959, p. 7). Mas a indicação do ano não determina a idade. Existem referências actuais, algumas banalizadas pela *internet*, que indicam ter ido para o Porto aos 18 anos. Por outro lado, o facto de ter começado a trabalhar no liceu não significa que tivesse, obrigatoriamente, de entrar em Outubro, no início das aulas lectivas, como estava previsto pelo art.º 57.º, do Decreto de 17 de Novembro de 1836. Na verdade, as aulas, teve-as num colégio, o que indicia, desde logo, ter o estudo começado fora do início do período lectivo. Acresce que a entrada dos funcionários para serviço do Estado, no caso dos liceus em crescimento, cumprindo o estipulado pelo diploma anterior, dava-se segundo o orçamentado, o que é um indicador para ter começado a trabalhar em Janeiro. A confirmação de ter começado aos 17 anos encontra-se em Manuel Viegas Guerreiro, como será referido no corpo do texto.

No collegio [colégio] por casualidade (uma fortuna na minha opinião) encontrei um filho do Zé M<sup>a</sup> [Maria] Bandeira<sup>5</sup>, que tem 16 annos<sup>6</sup> [anos] e com o qual já me trato por tu; é muito meu amigo, e eu [dele] igualmente [igualmente]. Falei com elle [ele] a respeito da letra [letra] do paie [pai]; disse-me que ha [há] tempos teve uma carta d'elle [dele] para ir a casa, e que a não entendeu. Veja!...

O Zé Maria vai sair Visconde da Granja<sup>7</sup>. O filho chama-se Adriano Affonso [Afonso] Bandeira, convidou-me para ir a casa d'elle [dele] , offereceram-me [ofereceram-me] os livros que eu quizesse [quisesse] e promettem-me [prometem-me] escrever á [à] Mãe para esta pedir ao Sr. Ribeiro por causa do despacho, porque a Mãe ainda é melhor do que o páie [pai]; este pede muito. O Sr. Ribeiro é muito amigo d'elle [dele] Adrianno<sup>8</sup>.

O tio Thomaz [Tomás], disse-me o tio d'aqui [daqui] está com uma amazia [amásia].

<sup>5</sup> Corresponde a um familiar dos Bandeiras da Casa da Granja-Cárquere. "Os Bandeiras apareceram de novo em Resende, mas desta vez, ligados à Casa e Quinta da Granja (Gárquere), por um Bandeira ter casado com uma senhora dos Pintos da Fonseca da mesma Casa. Efectivamente, Manuel Monteiro Subágoa (Capitão-Mor de Britiande, junto a Lamego) casou com D. Maria Xavier Bernarda Bandeira de Figueiredo e Castello Branco (irmã de Gonçalo Pires Bandeira, Capitão-Mor de Besteiros e ambos filhos de Filipe Bandeira Pessoa da Costa. Deste casamento nasceram entre outros, Gonçalo Pires Bandeira (mais tarde com geração perto de besteiros) e Filipe Bandeira que casou em Resende, com D. Maria Pinto da Fonseca, filha do Dr. Manuel Pinto da Fonseca (da quinta da Granja). Deste casal ficou filho o Dr. António Bandeira Subágoa de Vasconcelos (bacharel em Direito) que foi juiz de Fora em Barcelos e Alcoaça e senhor da Casa da Granja, tendo casado em Piães em 31 de Outubro de 1811. A esta linhagem pertencem também D. Maria Antónia de Abreu Osório Bandeira Subágoa que nasceu em 15 de Outubro de 1865 e casou em Cárquere em 1907, em segundas núpcias, com Vasco Maria Osório Sarmento Coutinho de Castro – 1º Visconde de Britiande, e morador com sua esposa na Quinta de Parada de Gonta, concelho de Tondela, a qual também pertencia à família Bandeira" (Duarte, 1994, p. 613).

<sup>6</sup> Esta referência torna-se importante ao perceber-se a importância da idade na aproximação do relacionamento. Este colega, que já tratava por tu, tinha menos um ano de idade relativamente ao autor desta carta.

<sup>7</sup> Esta carta foi escrita vinte e nove anos depois de D. Maria II ter criado o título de visconde da Granja. Era, portanto, um título muito recente.

Houve três viscondes da Granja. O primeiro título foi concedido por D. Maria II, por decreto de 13 de Agosto de 1847, o 1.º visconde da Granja António Barreto Ferraz de Vasconcelos; nasceu em Aveiro, a 23 de Maio de 1779, e morreu a 27 de Abril de 1861. O segundo título foi renovado pelo decreto de 3 de Abril de 1860, no reinado de D. Pedro V, sendo o 2.º visconde filho único do primeiro, Casimiro Barreto Ferraz Sacchetti (com o último nome por parte da mãe). O 3.º visconde, na sucessão, foi António Barreto Ferraz Sacchetti, nomeado por D. Manuel II, nos finais da monarquia. (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, s/d, Vol. 12, p. 704). Calcula-se que a alusão feita por Leite de Vasconcelos ao visconde se deve a um familiar próximo do detentor do título nobiliárquico.

<sup>8</sup> Referência a um primo co-irmão, pároco, o Pe. Adriano Leite Cardoso Pereira de Melo que, segundo Manuel Viegas Guerreiro, lhe deu "as primeiras luzes de francês... e a quem dedicou, anos mais tarde, o *Presbitério de Vila Cova*" (Guerreiro, 1994, p. 55).

<sup>9</sup> Freguesia do concelho de Cadaval, onde a mãe tinha uma propriedade. Razão pela qual, depois de formado em medicina e porque "vagara, entretanto, o partido do Cadaval e o lugar de subdelegado de saúde no mesmo

Do Peral<sup>9</sup> [?] que ha [há] de novo?

As minhas obrigações do collegio<sup>10</sup> não sei quâes [quais] são por ora.

Este anno [ano] hei de [hei-de] fazer exames de francês, curso de portuguez e história. História começarei a estudar hoje.

O Ant<sup>o</sup> [António], tias e tio recebem-me perfectamente [perfeitamente].

A comida é o seguinte<sup>11</sup>:

Ceia<sup>12</sup> – sardinhas e caldo.

Jantar<sup>13</sup> – fructa [fruta], vinho, carne assada com batatas (só ás [às] 5<sup>as</sup> e Domingos) maças [massas], arroz e caldo.

Almoço<sup>14</sup> – café com leite e um trigo [pão].

Os alumnos [alunos] internos do collegio [colégio] são só 5, os externos muito mais.

Os professores que cá vivem são só 2, e os outros vêm de fora.

Um chama-se Chaives<sup>15</sup> e é filho d'um [de um] cirurgião – Chaves, de Resende<sup>16</sup>.

O Baltar parece [parece] bom homem; é muito exacto, inculca ter os seus 40 e tantos.

Estive agora com o filho do Lúcio; amanhã [amanhã] escrevo ao páie [pai] d'elle [dele].

---

concelho. Como aí tinha um primo e sua mãe uma propriedade, aceitou ambos os cargos" (Guerreiro, 1994, p. 61). Esta propriedade deveria ter algum interesse e obrigara os pais a casarem com separação de bens. "A situação económica do marido devia ser, contudo, deplorável: uns nadas de terra vindos de sua mãe, falecida em 1848, e talvez comprometidos, a julgar pela escritura de separação de bens com que casaram, que teria por objectivo acautelar o limitado património de D. Maria Henriqueta". (Guerreiro, 1994, p. 57).

<sup>9</sup> Colégio de Santa Catarina.

<sup>11</sup> A terminologia usada para as refeições, dada por Leite de Vasconcelos, insere-se nas denominações das que eram tomadas na vida rural.

<sup>12</sup> Ceia – jantar cidadão.

<sup>13</sup> Jantar – almoço.

<sup>14</sup> Almoço – pequeno-almoço.

<sup>15</sup> Para o surgimento do termo "Chaives" levantam-se duas hipóteses. A primeira consiste na hipótese de que a cidade de Chaves, onde o pai era médico cirurgião, tenha dado a alcunha "chaives" ao seu professor. Hipoteticamente, por um galicismo oriundo da pronúncia galega, usada pelo amigo que a poderia ter adquirido face à proximidade desta terra com a Galiza. A segunda é a de ser um nome comum, de família, porque o termo "chaives" encontra-se, actualmente, com facilidade no México, existindo uma terra com essa mesma denominação. O amigo era, sem dúvida, natural de Resende, uma cidade próxima do Porto.

<sup>16</sup> Resende era outra importante cidade nortenha, contudo, sem estruturas para estudos superiores, um meio rural profundo em terrenos encostados à serra de Montemuro, limitada, ao norte, pelo rio Douro e, no sul e oeste, pelo rio Paiva, ficando a leste delimitada por uma linha que se estende desde Castro Daire, na direcção de Lamego e da Régua. Dois anos depois da data da carta de Leite de Vasconcelos, foi construído um novo edifício dos Paços do Concelho, correspondendo às necessidades da "concentração de poderes e importância de Resende" ao serem-lhe incluídos, por extinção, os concelhos medievais de Aregos e de S. Martinho de Mouros. (Duarte, 1994, p. 94).

Façam favor de me mandare [mandar] o Atalaia<sup>17</sup> e [o] Jornal dos Artistas<sup>18</sup> que estão em casa do Médico (assim como dizes-lhe que eu suspendi o do Algarve<sup>19</sup>, de que ele é assignante [assinante], para ver se elle [ele] lhes dá 120 = rs<sup>20</sup>).

Em casa do Reitor<sup>21</sup> deve estar talvez um; que venha também.

O Albuquerque não me parece mau, é um tróta [trota]<sup>22</sup>, mas é um homem fino.

O Reitor do Lyceu [liceu] está no mesmo caso de bondade.

Não desgosto do Porto, ainda que pouco vi.

O pé vai melhor, mas trago chão melhor.

O Zé de Gouveia visita-me todos os dias, mas apesar de com isso tencionar-me convidar, ainda não fui a casa d'elle [dele], por ser longe.

Já por cá tenho alguns conhecimentos.

Hoje escrevi ao Álvaro.

<sup>17</sup> Pode corresponder ao jornal "Atalaia", semanário católico que começou a ser publicado a 9 de Outubro de 1870, em Viseu, tendo terminado em Setembro de 1875. Faz sentido que assim seja, face ao facto de José Leite de Vasconcelos ter nascido em 1858, ou seja, na data da saída do primeiro número deste jornal, Leite de Vasconcelos teria doze anos.

Tudo indica que não se adequa ao "Atalaia Católica", cujo primeiro número saiu em Braga, em Janeiro de 1854, tendo terminado em Dezembro de 1864, o que significa que, nesta data, Leite de Vasconcelos tinha seis anos. Muito menos poderia ser um jornal com o mesmo título começado a publicar em Viseu, em Dezembro de 1888, órgão da diocese, quando Leite de Vasconcelos já tinha trinta anos de idade. (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 3, p. 621 e 623). Com o título "Atalaia" foram publicados, no séc. XIX, outros jornais por terras do Brasil.

<sup>18</sup> Supõe-se uma alusão ao jornal "Artista Portuense" que, sendo um jornal socialista, começou a ser publicado a 15 de Março de 1855, três anos antes do nascimento de Leite de Vasconcelos (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 3, p. 438).

Do ano de 1855 ressalta: a aclamação de D. Pedro V, no dia em que fazia 18 anos, completando a maioridade para governar; a Exposição Industrial no Porto; a participação de Portugal na Exposição Universal de Paris, "evento significativo e tipicamente característico da civilização industrial de meados de oitocentos" (Rodrigues, coord., 2000, p. 220-221).

<sup>19</sup> Existe um jornal regional com esta designação, o "Jornal do Algarve", que foi fundado em 1957. Não se conseguiu encontrar, com exactidão, o jornal referido por dois motivos. Em primeiro lugar, porque foi extinta a lei da censura com o "Decreto de 4 de Julho de 1821, nos termos do art.º 1.º, '...toda a pessoa pode, da publicação desta lei em diante, imprimir, publicar, comprar e vender nos estados portugueses, quaisquer livros ou escritos sem prévia censura porque não existe um inventário dos jornais portugueses", permitindo, ao mesmo tempo, a fundação e a proliferação de jornais sem licença prévia (Carvalho, 1971, p. 213). Em Março anterior, havia-se dado a extinção do Tribunal do Santo Ofício. A Constituição de 1822 instituiu, definitivamente, o fim do poder absoluto, prevendo a liberdade individual, a igualdade de todos os cidadãos perante a Lei, e a supremacia das Cortes legislativas com a redução do poder real. Em segundo lugar, porque não foi encontrado algum estudo que inventariasse os jornais desta época.

<sup>20</sup> "120= rs" é a indicação de 120 "réis" (rs), moeda anterior ao "escudo" (\$), que foi introduzido em 1911 pela República. Um escudo correspondia ao valor de 1.000 reis. Em 2002, o escudo foi substituído, perdendo valor, pelo "euro" (€) a moeda europeia.

<sup>21</sup> Supõe-se ser o Reitor da Granja-Nova, Padre Manuel Pinto de Souto, que foi seu professor de Latim e ao qual ficou sempre grato pela ajuda que lhe havia dado (*Memórias de Mondim da Beira*, cit. por: Brandão, 1959, p. 6).

<sup>22</sup> Trota – termo popular para designar uma pessoa "fala-barato" ou alcoviteiro. Deriva da ideia do trote do cavalo que pouco cansa quem o usa mas aborrece quem tem de, insistentemente, ouvir esse som monótono que não transmite algum interesse.



As botas do José Pedro que não esqueçam e que venham assim que fôr [for] possível; que sejam bem soldadas.

Estou arrependido de não ter trazido as calças velhas, porque no collegio [colégio] anda-se á [à] vontade. Aquillo [aquilo] alli [ali] é uma pândega.

O que tenho é de pagar a um mestre rhetórico [retórico<sup>23</sup>] porque fica desencontrada da hora e mesmo lá não ha [há] mestre.

No Lyceu entro às [?] e saio ás [às] 2 mas é agora; depois, não sei.

Os meus fundos são só 1,5 rs [reis]. Tenho feito algumas despesas precisas. No dia 24 vou ao theatro [teatro], assim como todo o collegio [colégio] á [à] custa do director. Já vi o Zezinho e o Né; sujos, mal arranjados e cheios de trabalho.

Vi o Zé de Castro [?] e visitei o Adrianno [Adriano] e fam.a [família], visinha [vizinha], o David, R<sup>a</sup> [Rosa] Per<sup>a</sup> [Pereira], Lino, etc, etc. Breve escrevo ao Reitor de João N. [Novo<sup>24</sup>].

Logo vou á [à] Bandeirinha<sup>25</sup>. O Vasco da Bandeira sabe é um pobre diacho<sup>26</sup>. Et. [Entregue?] Abraços ao Papá e tias ... e para a outra vez lhes escrevo. Como vão o Sales, a galhinha e o Pinchas?

Recebo a sua benção [bênção]<sup>27</sup>

de V. E.  
filho humilde  
e obediente

Zé

{canto superior da penúltima página}

Recordo [recordações] das tias, tio, primas, etc.

<sup>23</sup> A disciplina "retórica" está indicada na reforma do ensino secundário de 1863. "Ao mesmo tempo promulga-se todo um plano pormenorizado de estudos secundários, que incluía cadeiras de Humanidades (História, Geografia, Literatura), Línguas Vivas (Francês, Inglês e Alemão) e Ciências (Química, Física), Álgebra, Línguas Clássicas, Retórica e Filosofia, já existentes à data. Os liceus ficaram assim confinados aos centros urbanos, precisamente onde a burguesia governante tinha as suas moradas" (Marques, 1981, p. 128).

<sup>24</sup> A ser esta designação "Novo", pode o autor estar a referir-se à Igreja e Convento de S. João Novo, no Porto, que assim funcionavam antes das Guerras Liberais (1832-1834). Depois do Cerco do Porto, em 1832, o edifício do convento passou para a fazenda pública, estabelecendo-se aí, em 1863, o Tribunal Criminal e Correccional do Porto (denominação emergente da execução do Código Penal de 1852) e mantendo-se a Igreja aberta ao público.

<sup>25</sup> Supõe-se uma familiar dos Bandeiras, família referida na nota de rodapé de página n.º 5.

<sup>26</sup> Eufemismo de "diabo", como era normal encontrar-se na suavização da aplicação do termo quando usado pela população.

<sup>27</sup> Costume da época presente na cidade, nas pessoas mais tradicionalistas ou com ligações ao meio rural.

Vaie essa para o David. Escrevo amanhã ao Barão<sup>28</sup>. O António tem suas saídas Né [?] todos os dias. Recordo [recordações] a Mãe a ellas [elas] e ao Adriano,


muito bt [obediente ?]

#### Comentário à carta n.º 1

Esta carta foi escrita numa altura em que o número proporcional de jovens por distrito colocava o Porto nas percentagens mais elevadas do país, acima de Lisboa (Nazareth, 1979, p. 21). Curiosamente, escreveu-a numa época política fervilhante, no mesmo ano da fundação do Partido Progressista, resultado da fusão entre o Partido Histórico e o Partido Reformista, tendo, em Lisboa, nascido o Centro Eleitoral Republicano Democrático quando, no ano anterior, já havia sido criado o Partido Operário Socialista. Contudo, as ideias republicanas tiveram dificuldade em implantarem-se no Porto, “cidade profundamente monárquica... facto bem conhecido que justificava a tertúlia e os planos de propaganda do partido assumido por Sampaio Bruno no seu canto do Café Lisbonense” (Referências, 1998, p. 57), por onde se reuniam os estudantes portuenses. Esta cidade, que fora o coração do liberalismo, “era o burgo dilecto de D. Pedro e dos seus companheiros de armas e de ideal. A resistência que durante um ano a cidade ofereceu ao exército miguelista [no Cerco do Porto, de Julho de 1832 a Agosto de 1833] dava-lhe jus ao título de *Invicta*” (Serrão, 1968, p. 236).

Leite de Vasconcelos emigrou para a maior cidade do país, quanto à evolução da população portuguesa (*X Recenseamento Geral*, 1964), mantendo-se em crescimento até ao início da segunda década do século XX. Uma cidade fervilhante na indústria e nas letras. Na época, sobressai como terra natal de vários escritores que marcaram a literatura portuguesa, desde Júlio Diniz, o escritor narrativo do bucólico da vida campestre, ao acutilante Ramalho Ortigão, cuja crítica política se monumentalizou nas *Farças*, com permanente actualidade. Na indústria, ressalta a importância atribuída à participação de Portugal na Exposição Universal de Paris, vinte e um anos antes desta carta,

<sup>28</sup> Supõe-se que se refere ao 2.º barão de Resende, João Maria Xavier Morais de Resende (1852-1917), por autorização de D. Manuel II; era filho do 1.º barão, João Xavier de Morais de Resende (1798-1857), marechal de campo. Este título havia sido criado por D. Maria II, em Decreto de 24 de Maio de 1844 (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 25, p. 438).


Carta Mãe

Já estou no Lyceu, e é de si que escrevo.  
 Poderá dar mais algumas notícias.  
 Contrei hontem no collegio de manhã e hou-  
 tem tambem comecar a escrever no Lyceu.  
 Não seya ha muito que fazer, mas o que se  
 não.  
 No collegio por casualidade (uma fortuna na  
 minha opinião) encontrei um filho do Sr.  
 M.º Bandeira que tem 16 annos e com  
 equal já me tracta por tu; e muito me  
 souzgo, e eu d'elle igualmente. Sabi com  
 elle a respeito do Pedro do poie; disse-me  
 que ha tempos teve uma carta e d'elle para  
 ir a casa, e que a mãe entendou. Vej...  
 O Sr. affario não souir Visconde da Graça,  
 O filho chamou-se Abrahão Affonso Bandeira,  
 e convidou-me para ir a casa d'elle, e off-  
 erceu-me a liara, que eu quizesse, e pro-  
 metter-me escrever a effe para este pedir  
 ao Sr. Ribeiro por causa do esprocho, porque  
 a mãe ainda é melhor que o poie; por  
 este pebe muito. O Sr. Ribeiro é muito  
 muito e d'elle abrahão.

Figura 1 – Carta dirigida à mãe, 7/1/1876. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.

Recebi a carta e me alegrava  
 muito.

O tio Thomaz, disse-me o tio e' aqui, esta  
 com uma sumaria.

Do Geral que ha de novo?  
 As minhas obrigações do collegio não  
 se guiam só por ora.

Neste anno he de fazer exames de fran-  
 cez, curso de portuguez e historia. His-  
 toria comeca a entender haiz.

De Ant.º, tio e tio troco - me perfec-  
 tamente.

A comida e' o seguinte:

Ceia - sardinhas e caldo  
 Jantar - fructo, vinho, carne assada,  
 ou batatas (no dia 5º e Domingo) peixe,  
 arroz e caldo.

Almoço - café e leite e e' tripa

Os salarios internos do collegio são  
 de 5, e externos muito mais.

Os professores que li' aue são de 2, e  
 a out. são de 400.

No cham. he Chaves e e' filho d' e  
 cirurgião Chaves, de Resende.

Figura 1a - Carta dirigida à mãe, 7/1/1876. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.

Honra. Obediente de v. m. J. L. de Vasconcelos  
 7/1/1876.

O Doutor parecia ao home; e' muito  
 exacto; inculca ter e sem, 40 e tout.  
 Destrue agora co e fillo do Lucio; e' me-  
 nte escreve ao pae e'elle.  
 Fico furo de me mandarem  
 a attalonia jornal do Artista, que esta  
 a casa do effedico (quiser como dixer-lhe  
 que eu e suspendi'o do collegio, se pere  
 elle e' affigante, pois, não se elle che,  
 ca' 120:00.)  
 E' casa do Rector que estar talvez  
 e; que nunca trambes.  
 Dehlyaque não me parece má,  
 e' um trieta, mas e' home fino.  
 O Rector do Lyceio esta' no tempo  
 e' bondade.  
 Não se gosto do Carto, ainda que  
 pouco vi.  
 D'pi' não melhor, mas trop' chis  
 nello.  
 D'Ve' se foveio, visita - me tod  
 a casa, me, opera de co' m.  
 tancia me cuidada, ainda não  
 fi' a casa e' elle, por ser longe

Figura 1b – Carta dirigida à mãe, 7/1/1876. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.

Não por eu ter algum conhecimento.  
 Hoje escrevi ao Alvaro.  
 As letas do Sr. Pedro que não  
 escrevas, e que venhas aqui se for  
 possível, que seja bem recebido.  
 Estas arrependido e não ter tra-  
 zido as calças velhas, por que no collegio  
 não se é contentado. Aquillo alli é uma  
 prisão.  
 Que tenho é o pagar a mestre  
 do rhetario por que fizo descontrato  
 o bar, e mesmo si não ha mestre  
 ahi que entre si e seio de 2 mo-  
 e engora, depois, não sei.  
 Os meus fundos são as 1500. Tenho  
 feito alguma despesa, precisa. No dia  
 24 de Junho theatre, aqui com toda o custo  
 e custo de civet. Já via Gerardo e o Sr.  
 muito e mal amarejados e cheios de trabalho.  
 Vi o Sr. de' os Castos. - Viito as senhoras  
 para, vizinhos, David, R. Ber, Lina,  
 etc., etc. Breve escrevo ao Rector do Sr. M.  
 Logo vou a Bandeirinha. Vou a Bandeirinha  
 e se julgar preciso. Ret. Alvaro, os Bispo  
 e Sr. e para entre as theses de novo. Com  
 vna o Salve, e galinhas, e Pincho?  
 Deixo a sua benignidade  
 M. S. P.  
 Filho humilde  
 de Sr. M.

Figura 1c – Carta dirigida à mãe, 7/1/1876. MNA. Arquivo pessoal JLV. Correspondência.

e as exposições industriais no Porto. Pela primeira vez, deu-se uma “mostra da associação industrial”, em 1856, seguindo-se outras com alguma periodicidade<sup>29</sup>, mantendo-se a cidade como centro industrial da maior importância.

Esta primeira carta está endereçada à mãe, cujo tratamento sai um pouco fora do comum na terminologia usada nos meios ligados à ruralidade. O emprego do termo “cara”, sem dúvida, substitui o de “querida”, mais vulgar nos escritos de outros autores, mas a formalidade que daqui sobressai dilui-se com o carinho que ressalta na expressão de “mamã”, geralmente utilizada pelas crianças ou pelos mais jovens. Usa o mesmo tratamento carinhoso na despedida, ao enviar “abraços ao Papá”. O pai tinha-o deixado havia pouco naquela “manhã fria de Janeiro de 1876... o pai ficou na Régua, os olhos marejados de lágrimas; filho e criado abalaram para o Porto” (Guerreiro, 1994, p. 59).

No mesmo dia começou a trabalhar no liceu<sup>30</sup>, como se compreende da sua expressão “às vezes há muito que fazer, mas agora não”, e no colégio, onde estudava, fazendo os “preparatórios”<sup>31</sup>, e arranjou amizade com outros alunos. Destes, destacou-se o Adriano Afonso, filho do Visconde da Granja, que lhe facilitou a consulta da biblioteca pessoal e um “empenho”<sup>32</sup> para sair com maior rapidez o “despacho”<sup>33</sup>, que se entende por necessário para a consolidação do emprego na secretaria do liceu, passando para o “serviço fixo do Estado”, como era costume dizer-se na época. A demarcação dos objectivos a atingir na escola define-os claramente, com a determinação dos exames que pretende realizar e com a calendarização do início do estudo que, no caso da história, era “sem demoras”.

Para indicar à mãe que estava bem, uma das principais preocupações discursivas foi referir, com pormenor, o que havia comido às refeições. A designação destas refeições, que ainda se reportam às utilizadas no meio

<sup>29</sup> Destacam-se a Exposição Industrial de 1857, realizada no espaço do Asilo da Mendicidade, a de 1861, no Palácio da Bolsa, e a de 1865 no Palácio de Cristal.

<sup>30</sup> “Em Portugal, pelo dec. de 17-XI-1836, de Passos Manuel, criaram-se os *liceus* como escolas do ensino secundário. O projecto foi elaborado, nas suas bases, pelo vice-reitor da Universidade de Coimbra, dr. José Alexandre de Campos. Segundo o dec. citado, em cada uma das capitais de distrito haveria um *liceu* ...” (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, s/d, vol. 15, p. 51). “À boa maneira francesa, assim surgia a instituição dos liceus, órgãos de base do ensino secundário, enquanto outros países optaram pelos nomes de inspiração germânica de ginásios, de institutos ou de ateneus” (Serrão, 1989, Vol. VIII, p. 335).

<sup>31</sup> Eram os estudos necessários para a entrada nos cursos superiores.

<sup>32</sup> Empenho ou pedido para entrar a pessoa indicada, aquilo que hoje se designa por “cunha”.

<sup>33</sup> Forma de tornar oficialmente pública e definitiva uma nomeação. Na época, existia o “Diário das Cortes” que podia introduzir estas matérias.

rural, não incluem o “mata-bicho”<sup>34</sup> usado no trabalho do campo, feito de sol a sol, o “pequeno almoço” tomado a seguir ao “mata-bicho”, que era a primeira refeição do meio citadino, nem a “merenda”, demonstrando a importância do *habitus*<sup>35</sup> primário<sup>36</sup> apreendido durante a sua juventude. Ou seja, encontramos Leite de Vasconcelos presente, fisicamente na grande cidade, mas ainda ligado ao “modo de vida” rural, referenciando as “práticas sociais” da vida actual de acordo com as “práticas sociais” oriundas desse mesmo meio e apreendidas no seu passado.

Do texto retira-se a importância dada à família, com a referência ao “tio daqui” e à sua aceitação neste novo “núcleo familiar” e, na despedida da carta, às tias assim como aos amigos. De resto, é na casa deste mesmo tio, como se lerá na carta n.º 2, que Leite de Vasconcelos ficou inicialmente alojado. Descansando a mãe, deu-lhe conta das novas amizades e das suas impressões sobre os professores, indicando os que habitavam o colégio e os que eram externos. O nome Chaives atribuído a um dos professores, como foi referido na nota de rodapé n.º 14, pode ser um nome como outro qualquer; é um termo que se encontra com facilidade no México, o que não acontece em Espanha. Leva-nos à origem da língua lusa, tendo em atenção que, “embora o galego partilhe origens e desenvolvimento inicial com o português, a independência formal de Portugal no fim do século XII efectivamente cortou o seu contacto e colaboração... Em 1143, Portugal tornou-se independente. Contudo, a Galiza permaneceu parte do Reino de Leão” (Chrystello, 2007, p. 64), submetendo esta língua à Castelhana. Na verdade, “a política intervencionista de Castela deu ímpeto ao processo de declínio do Galego nas classes altas da sociedade e impediu a consolidação do Galego como uma língua literária” (Chrystello, 2007, p. 65). Existe, neste caso, uma outra investigação a desenvolver, que não cabe no âmbito deste trabalho.

Uma das preocupações mais sérias que ressalta nesta carta é a falta que lhe faz a leitura dos jornais habituais. Pede-os todos, demonstrando a necessidade da actualização através das notícias escritas, as únicas existentes na altura, num período de grande movimentação política e, estrategicamente, desiste de um dos

<sup>34</sup> Termo popular para designar a pequena refeição tomada pouco depois de acordar e antes de sair para trabalhar.

<sup>35</sup> O *habitus*, enquanto conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu, é entendido como “sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como matriz de percepção de apreciações e de acções” (Pinto, 1981, p. 201).

<sup>36</sup> *Habitus primário* refere-se às nossas primeiras experiências, as da juventude, conceito proposto por Corcuff (Corcuff, 2001, p. 40).



jornais com o objectivo de o médico o assinar por ele, face à quantia elevada para quem tem, no momento, 1,5 reis de fundo de maneio. Do mesmo modo, pede o jornal que estará em casa do Reitor que, como foi referido em nota de rodapé, se supõe ser o da Granja-Nova, que fora seu professor de Latim e grande amigo do pai, com uma frase curta mas enfática - “que venha também”.

Torna-se interessante perceber, também numa outra curta frase, que estaria melhor de um problema num pé, não só pela recuperação, mas, como ele diz, porque “trago chão melhor”; ou seja, resumiu de um modo simples que estaria a ficar melhor, até porque as ruas do Porto estavam empedradas<sup>37</sup> e facilitavam-lhe o andar, um piso regular que contrariava o da sua terra. Esta alusão ao chão regular transpõe-se para a primeira impressão sobre a cidade onde se encontra, ressaltando, contudo, que ainda não a conhece. Apesar das boas condições dos arruamentos, fez lembrar à mãe a necessidade de lhe enviar as botas que deviam vir “bem soldadas”, ou seja, bem cosidas, como era hábito no calçado desta época.

Deste modo, demonstra, na sua juventude, um espírito ponderado, realista, onde predomina a necessidade do conhecimento antes de omitir alguma opinião, dentro de uma racionalidade que lhe permite uma interpretação sem juízos de valor. Foi orientado por este pensamento reflexivo, ingénito, que representava o seu modo de aprender e de viver. Um pensamento que se tornaria importantíssimo para o estudo da tradição; “tradição que também tem a ver com o futuro” (Giddens, 2000, p. 59), tanto pela sua preservação, como pelo acervo recolhido da memória colectiva,<sup>38</sup> para que essa memória, materializada agora pela escrita, pudesse ter continuidade na posteridade.

Nesta carta descobre-se, como preocupação central, a transmissão do modo como se encontra, do seu estado de espírito marcado pela determinação em avançar nos novos trabalhos, e da maneira como vê os dois principais lugares em que irá viver – o liceu e o colégio – a ligação à família e aos amigos, como se confirma na recordação escrita no canto superior da penúltima página.

E, pedindo primeiro a bênção, agora no plural, supõe-se (face à dificuldade de leitura das letras)<sup>39</sup> que assina como filho muito humilde e obediente, que

<sup>37</sup> O Porto havia sido uma cidade que “recebeu inúmeras provas de apreço dos Governos liberais [... foi cedido] à câmara municipal o terreno para estabelecer um passeio público no Campo da Cordoaria... um novo mercado... Como esquecer os sacrifícios impostos à população e aos monumentos e casas que a metralha adversa tinha atingido?” (Serrão, 1988, p. 237).

<sup>38</sup> “A memória, como a tradição – num ou noutro sentido – diz respeito à organização do passado em relação ao presente... A tradição, podemos então dizer, é um *meio de organização da memória colectiva*. Não pode haver uma tradição privada, assim como não pode haver uma linguagem privada” (Giddens, 2000, p. 60 e 61).

<sup>39</sup> Inferiu-se o termo “obediente” por fazer parte da despedida das outras cartas.

reforça no *post scriptum* com a sigla “muito bt”, entendida como “muito obediente”, transmitindo, assim, a respeitabilidade num cumprimento dentro da “educação antiga”<sup>40</sup> sob a vontade dos pais e na continuidade dos valores que lhe haviam sido transmitidos. Uma educação que “recebera, em casa, [com] apurada educação religiosa como filho que era de uma nobre família provinciana” (Guerreiro, 1994, p. 70), num lugar onde “a incredulidade do pensamento revolucionário do século mal chegava a povoações sertanejas como Ucanha ou Mondim, onde a tradição era norma de vida e todas as classes, mais ou menos abastadas, viviam em paz na santa lei de Deus e sob a autoridade religiosa e política do Senhor Abade” (Guerreiro, 1994, p. 71).

#### Carta n.º 2

[18 de Fevereiro de 1876]

(Confidencial)

Caro Papá e Mamã

(Escrevo do Lyceu [Liceu] , não tenho cá d’outro [outro] papel)

Recebi as suas últimas, que, como sempre me vieram alegrar.

O meu ordenado é só pago no dia 7 ou 8 de cada mez [mês], e os 50.000 = reis é só de 3 em 3 mezes [meses]; por tanto [portanto] o Reitor não pôde [pode] alterar nada. Relativamente a estas últimas quantias nada ha [há] que recear; não falha.

Fui a Fontainhas<sup>41</sup>; corri tudo, ninguém [ninguém] me soube dizer a casa da D. Guilhermina; o Sá da Ucanha<sup>42</sup> que diga o n.º, ou ao menos algumas relações, como: se fica no meio da rua ou no fim e algumas outras indicações

<sup>40</sup> “Os pais foram muito severos para ele – assim a educação antiga – , e mais a mãe do que o pai, do qual herdara o ânimo jovial” (Guerreiro, 1994, p. 55).

<sup>41</sup> Bairro do Porto que, do lado direito do rio Douro, se encontra em frente à serra do Pilar, do outro lado do rio, em Gaia.

<sup>42</sup> Terra natal de Leite de Vasconcelos, na qual habitou até aos três anos e meio de idade (Guerreiro, 1994, p. 55). Até 1836, foi vila e sede de concelho, passando, a partir desta data, a fazer parte do concelho de Mondim da Beira, tendo a câmara, o clero, a nobreza e o povo lavrado autos, em que entendiam como de grande violência esta anexação. Actualmente, é uma freguesia do concelho de Tarouca, comarca e diocese de Lamego. “A povoação é uma comprida rua, corresponde à parte da velha via romana que aqui atravessava o Barosa para Lamego”, havendo sinais de anteriores ocupações (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 33, p. 299). Foi uma terra de muita população até ao século XIX. A história desta localidade ocupa seis páginas completas na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (*ibidem.*, p. 293-299) e mais outra página sem numeração com duas fotografias, uma da Torre e ponte da Ucanha, únicas no país, e o pelourinho junto ao edifício da antiga Câmara. Foi aqui que Leite de Vasconcelos nasceu e deu os primeiros passos, “paredes meias” com os sinais que marcaram a história, gravada na pedra, para ser lida ao longo de séculos. Na verdade, como refere Manuel Viegas Guerreiro, “O gosto pela Arqueologia estará, sem dúvida, em relação com o muito que impressionaram a sua imaginação

que haja por fóra [fora]; mas isto breve.

A lembrança que tiveram, já eu estava para a dizer também.

Das Albergarias não pude colligir [coligir] nada, porque o Tio, se eu lh'o [lhe o] perguntasse, respondia-me = para o que queria eu saber =; mais me faria desconfiar. D'aí [de aí] pôdem [podem] sabê-las do Melchior ou do padre José, o sobrenome da D. Rita e onde mora; se perguntarem ao Melchior, é dizerem-lhe mesmo que tenho de escreve-lhe a agradecer certo favor, precisam saber o seu sobrenome d'ella; igualmente [igualmente] se quer brevidade.

A elléctrica [eléctrica?<sup>43</sup>], custa só 1:500 reis (por favor) apesar de no recibo incluso constar 2:000 = reis.

Por óra [agora] não me mandem os livros que mandei pedir; sómente quero os 2 do reitor da Gr<sup>a</sup> M<sup>a</sup> [Graça Maria?] e a História Romana do Adrianno [Adriano].

Queiram dizer ao Adrianno que me envie também pelo Augusto o livro = Vidas e leis de Mafoma<sup>44</sup> = que está no sottam [sótão], e de que eu necessito para o estudo da geographia [geografia]; mas estes 4 livros sem falta nenhuma.

Se pudessem conseguir o Papá ficar amanuense, era bom<sup>45</sup>. As calças ainda não têm nódoas. Do Bandeira, não sei nada da mãe.

O tio Ant<sup>o</sup> [António] escreveu; envio as cartas; queiram tornar a enviar-mas e dizer-me o que hei-de responder-lhe.

---

de criança as ruínas dos mosteiros cistercienses de S. João de Tarouca e de Salzedas, ao último dos quais, às vezes, de visita, com o pai, e ainda o castro que sobressaía a Mondim de Cima, de que viria a falar com desenvolvimento nas referidas Memórias a p. 15 e 16" (Guerreiro, 1994, p. 63).

<sup>43</sup> Pode o autor estar a referir-se a um instrumento eléctrico simples ou a uma lâmpada de arco, o que, num e noutro caso, é muito duvidoso porque existe informação que "lia à luz das velas de estearina por ser mais barata que a dos candeeiros" (Guerreiro, 1994, p. 60). De resto, a lâmpada com ampola fechada foi criada por Edison, em 1878, e ainda não existia uma rede de distribuição de electricidade. A própria iluminação das ruas, para garantia da segurança pública, era realizada por meio de gás. "Só que a montagem de tal serviço exigia grandes capitais, apenas disponíveis por meio de empresas financeiras sólidas. Lisboa foi a primeira terra a usufruir de tal vantagem. No ano de 1853 criava-se a Companhia Portuense de Iluminação a Gaz [gas], para levar a efeito o contrato entre a vereação do Porto e Hardy Hislop" (Serrão, 1989, p. 242). Na noite de 31 de Outubro de 1878, "Toda a gente correu ao Chiado. No Palácio Barcelinhos, onde funciona o Hotel Gibraltar, estão instaladas 'velas eléctricas', inventadas pelo físico russo Jablochhoff. [Paul Jablochhoff havia inovado a lâmpada de arco anteriormente referida e que era accionada através de uma pilha eléctrica]. Estes aparelhos, vindos de Paris, iluminaram, no passado dia 28 de Setembro, a cidadela de Cascais, por ocasião do aniversário do príncipe real. Hoje é a vez de Lisboa... espera-se que a iluminação se espalhe pela cidade e substitua a iluminação a gás" (Saraiva e Guerra, 1998, vol. 3, p. 91). Poucos anos passados, demonstrando a velocidade das descobertas científicas do século XIX, existe uma referência interessante. "O gás! O gás hoje é um astro que se vai apagando. A electricidade tomou-lhe vantagem. O gás hoje quasi [quase] se limita a aquecer" (Araújo, s/d, p. 114).

<sup>44</sup> O livro pedido supõe-se corresponder a: Pereira, João José (1791) - *História da Vida, Conquistas e Religião de Mafoma, e do governo civil e militar do Imperio Ottomano, dos empregos e funções religiosas, e de algumas particularidades curiosas do mesmo Imperio da Turquia, composta pelo Bacharel João José Pereira*. Lisboa: Offic. de Simão Thaddeo Ferreira, Ano MDCCXCI; Com licença da Real Meza da Comifissão Geral Sobre o Exame, e Cenfura dos Livros.

<sup>45</sup> O que veio a suceder em Agosto deste ano, como será referido no corpo do texto.

Eu dou-me perfeitamente com o Ant<sup>o</sup> [António]. O tio d'aqui [de aqui] escreveu-lhes? Que disse elle [ele]?

Um abraço ao tio Ant<sup>o</sup> [António], e digam-me o que foi dos nossos animães<sup>46</sup> [animais].

Preciso tambem [também] de saber se o Napoles está em Souzelo [Souselo]<sup>47</sup>.

Como vão os Reitores d'aí e o da G<sup>a</sup> M<sup>a</sup> [Graça Maria?] Visitas a elles [eles], ás primas, Fazendas, David, Per<sup>a</sup> [Pereira], Lino, Monteiro (como váie [vai] este?), Encarnação, Marinheiros, Medico [Médico], Vas<sup>os</sup> [Vasconcelos], José Pedro, (as botas não são precisas) Ant<sup>o</sup>. Augst<sup>o</sup>. [António Augusto], Domingos, Lucio, etc, etc, etc, etc, etc, etc.

Por aí ainda está frio?

Por cá já ha [há] calor<sup>48</sup>.

O Albuquerque está bem contente commigo [comigo]. O tio anda a ver se me consegue a nomeação interior, e depois effectivo [efectivo].

O David disse-me que foi apresentado nas principais casas da Guarda; (!!!) em breve lhe escrevo; agóra [agora] não posso.

Sem mais, queiram abençoar o

de V. E.

Filho humilde e  
sempre obediente

[nota lateral, entre parênteses, ligeiramente inclinada]

(As cartas que vão  
para a Sh<sup>a</sup> Catharina; ás  
vezes podiam abrir-mas.)

18 = 2 = 76

Envio 2 estampilhas

José

<sup>46</sup> Sublinhado pelo autor, segundo o original.

<sup>47</sup> Freguesia do concelho de Cinfães, no distrito de Viseu e na província do Douro Litoral, fica delimitada a norte, pelo rio Douro, a oriente, pela freguesia de Espadanedo, a sul, pela freguesia de Travanca e a ocidente, pelo rio Paiva.

<sup>48</sup> O calor começa a fazer-se sentir pelo fim da Primavera, estação do ano que começa a 21 de Março e termina a 21 de Junho.

### Comentário à carta n.º 2

Esta carta, inserida no epistolário de sua mãe, ressalta por ter sido a primeira que endereçou ao pai e à mãe, depois de ter saído da casa materna. A razão deve-se, certamente, ao facto do pai estar em casa, contrariamente à primeira carta, que é escrita com o pai de regresso depois de o ter acompanhado, na sua ida para o Porto, até à Régua<sup>49</sup>.

O termo “confidencial”, destacadamente colocado logo no início da carta, antes de se dirigir aos pais, indica que os pais não devem dar a conhecer o seu conteúdo. Na verdade, envia as cartas que lhe haviam sido endereçadas pelo tio António, solicitando-lhes que dêem uma opinião sobre o que há-de responder e depois lhas devolvam. Surge também uma alusão aos animais da propriedade dos pais, o que indicia que poderá ter existido alguma situação anómala que, face à desvalorização do conteúdo discursivo, parece ser de fácil resolução familiar.

Era costume utilizar-se papel apropriado para a escrita da correspondência, o próprio termo “carta” designava o “papel em que se escreve a alguém para pedir ou dar notícias, comunicar algum aviso, cumprimentos, etc” (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 6, p. 33); o facto de não o poder fazer conforme o costume deu origem ao pedido de desculpa. Mostra, sem dúvida, o aproveitamento do tempo disponível que se lhe apresentou naquele momento, escrevendo aos pais.

Com o mesmo termo “caro”, já usado na primeira carta, começa por se lhes dirigir, sossegando-os relativamente às datas do pagamento do “ordenado” e à quantia que será vencida de três em três meses. Esta importância supõe-se ser a de um pagamento extraordinário que está garantido pelas suas funções de amanuense, um emprego que vê com bons olhos para o pai e que, para o conseguir, terá de usar um “empenho” de alguém.

O desejo de visitar pessoas já conhecidas, que viviam na grande cidade, e de estabelecer novos laços de sociabilidade seria, para Leite de Vasconcelos, a forma de se sentir acompanhado, tal como fora habituado no meio em que anteriormente vivera. De outro modo, sentir-se-ia isolado no meio da multidão, como que perdido pelos arruamentos desconhecidos que ia percorrendo. Era-lhe importante o contacto com todas as pessoas do seu conhecimento ou que lhe fossem apresentadas por outras da sua relação familiar, como parece ser o caso

<sup>49</sup> “Em uma manhã fria de Janeiro de 1876 saía de Mondim para o Porto, com o pai, criado e cavalo, o moço estudioso José Leite de Vasconcelos. Na estrada atravancada de neve se lhes enterrava o cavalo. O pai ficou na Régua... filho e criado abalaram para o Porto” (Guerreiro, 1994, p. 59).

da D.<sup>a</sup> Guilhermina que, apesar dos seus esforços, não conseguiu encontrar, por lhe terem indicado a morada incompleta; correspondendo, deste modo, à ideia do seu tio António quando disse ao pai: “e de futuro, ganhando relações, [poderá] empregar-se convenientemente” (Guerreiro, 1994, p. 58).

O prosseguimento dos estudos obrigou-o a solicitar aos pais o envio de livros, alterando o pedido anterior – constante na primeira carta –, para a preparação das disciplinas de História e de Geografia. A fundamentação deste pedido, a ser o livro que encontrámos (cf. nota rodapé n.º 44), levanta duas hipóteses: por um lado, a sua inexistência na biblioteca, o que não é de todo impossível, porque, apesar do editor ser português, desde a primeira publicação até esta altura distam oitenta e cinco anos; por outro lado, estando o mesmo livro disponível, torna-se um indicador da necessidade de aproveitar todo o tempo livre, lendo-o ou estudando-o sem constrangimentos temporais, não tendo a necessidade de interromper qualquer outro serviço para se deslocar à biblioteca no horário de abertura, que não permitia a consulta dos livros a quem trabalhava.

Do pedido que deve ter deixado à mãe, aquando da sua partida, relativamente à “recolha de contos” explicou que, dos narrados pelas “Albergarias”, não retirou nada, e que o tio também não era a pessoa indicada para o fazer. O desinteresse destas matérias por parte do tio devia-se à preocupação em ter o sobrinho concentrado nos estudos, no seu sucesso escolar, e à responsabilidade que havia assumido em o orientar, como, aliás, havia indicado ao pai<sup>50</sup>.

A dificuldade na recolha de informações, nesta época ou na actualidade, está sempre presente quando se pretende estabelecer um “trabalho de terreno” (Burgess, 2001) que permita encontrar os “objectos de estudo” (Nunes, 2001). Na verdade, a minuciosidade do estudo em “profundidade” requer uma fonte de informação que preste declarações completas e coerentes. Interessa conhecer o “facto” com toda a pormenorização possível para o poder situar no seu “contexto”<sup>51</sup>, tendo em atenção que seria “impossível conhecer um fenómeno cultural sem ter em conta o seu desenvolvimento no tempo” (Freund, 1977, p. 151) e a sua localização no espaço. Ou seja, Leite de Vasconcelos já tinha essa noção, uma tendência inata para a investigação científica, face à pouca idade e à falta de preparação, percebendo que a recolha deveria ser minuciosamente feita e ligada ao interesse e à disponibilidade da própria fonte de informação. A prova dessa tendência, que se

<sup>50</sup> Numa carta do tio para o pai: “Adverte-o para que se porte bem a todos os respeitos e que me considere o seu mentor, pois eu só quero o seu adiantamento e promover-vos alguns meios de subsistência” (Guerreiro, 1994, p. 59).

<sup>51</sup> “... por contexto pode tomar-se tudo o que na sociedade é pertinente para perceber os acontecimentos” (Pais, 1993, p. 521).

materializa na demonstração da necessidade de conhecer a “realidade”, encontra-se na indicação do padre referido por ele como a pessoa, sem dúvida, na época e no local, mais erudita, interessada e conhecedora para dar informações válidas, sendo um dos melhores “informantes privilegiados”.

O interesse pelo “trabalho de terreno” vinha-lhe, portanto, de muito jovem, quando, “na sua terra natal, menino e moço, ia passando... ao seu caderninho de apontamentos, o que via e ouvia e mais o impressionava” (*Memórias de Mondim da Beira*, p. 81, cit. por Brandão, 1959, p. 15).

Deu, pela primeira vez, notícias à mãe sobre o estado de limpeza das calças, percebendo-se que correspondia às recomendações da mãe, relativamente às nódoas que deixava cair na roupa e aos cuidados que deveria ter na sua apresentação<sup>52</sup>, agora que não estava ao pé dela.

### Carta n.º 3

[9 de Março de 1876]

Caro Papá e Mamã

Só hontem [ontem] recebi o ordenado, e por isso não lhes escrevi sem lhes mandar algum dinheiro, ainda que pouco, por causa das despesas da boca, que sabem. Vão 1:500 =; no fim do mez [mês], isto é, lá para o dia 6 ou 7 d’Abril [de Abril] espero mandar mais, porque então recebo a parte dos 50:000 reis respectivos ao tempo em que cá estou<sup>53</sup>.

Quasi [Quase] todos os domingos temos reuniões<sup>54</sup> em casa do Galvão, e hontem [ontem], por que o José de Gouveia fez annos [anos], houve outra; divertimo-nos immenso [imenso]; recitei 3 poesias, e todos os mais recitaram egualmente [igualmente]; eu já dancei uma polka [polca<sup>55</sup>] e um galope<sup>56</sup> lá.

<sup>52</sup> Correspondendo, por sua vez, às recomendações do tio António: “e deve vir decentemente vestido, sendo escusado luxo” (Guerreiro, 1994, p. 59).

<sup>53</sup> Segundo o tio António, na segunda carta para o pai: “recebe de ordenado 100 000 réis, 8330 por mês, pode-te dar 5330 e ficar com 3000, o que é suficiente para se vestir, na certeza de que só com essa condição é que o arranjo, o que me não custou pouco a conseguir, tornando-se em tudo responsável por ele” (Guerreiro, 1994, p. 58).

<sup>54</sup> Reuniões ou festas.

<sup>55</sup> “Boémia. Polca (pulka = meio; meio passo). Inventada por uma camponesa, Anna Slezar, em 1830; de Praga, por intermédio de uma banda militar, chegou a Viena, ganhando logo fama internacional. Em 1840 dançou-se, pela primeira vez, no palco do teatro Odeon, em Paris. Geralmente composta de quatro pares, de oito compassos cada uma; compasso binário, *allegretto*” (Ellmerich, 1988, p. 32). Estilo musical e de dança que, contemporâneos de Leite de Vasconcelos, tiveram origem no Império Austríaco, vindos da boémia, expandiram-se por toda a Europa e, desde o seu surgimento, encontraram grande sucesso entre a juventude.

<sup>56</sup> “Dança muito em voga no séc. XIX, de movimento rápido e saltitante, em compasso binário, e cujo ritmo contrafazia, de certo modo, o trote do cavalo” (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 12, p. 94).

O Antoninho está muito mudado; agora é um bom rapaz.

A Aug<sup>ta</sup> [Augusta] chegou boa.

O leite que eu comprei, foi a meias com o tio; bem vêem que por = 1:750 = se não comprava uma cama; ainda durmo com o Ant<sup>o</sup>. [António] mas não tem [tenha] dúvida por que [porque] eu durmo de ceroulas e camisa. Escusa de ter receio.

Ainda não visitei o Jorge por não ter tido botas, as quaes [quais] comprei hontem [ontem] por 1:400 = reis, assim como uma gravata por 100 = reis.

O Barros ainda cá não chegou.

O Bandeira d'aqui [de aqui] não é mau rapaz, mas é tam [tão] mentiroso, que ninguem [ninguém] cá se fia n'elle [nele] , e por tanto não lhe tornei a pedir para escrever à Mãe por causa do despacho.

O Sr. Ribeiro foi ferido n'um [num] duello [duelo], não sei se sabem. Os carlistas estão tambem [também] vencidos dêem os meus sentidos pezamos [pêsam] ao Monteiro, e digam-me tambem [também] o que elle [ele] diz a respeito da derrota.

Visitas aos Reitores, David, Lino, Pereira, Adriano, Moreira, Marinheiros S/f [se faz favor]. Peço que digam, mas sem falta, ao David, Per<sup>a</sup> [Pereira], Adrianno e Reitor que eu não me esqueço d'elles [deles] , e que na [não] tomem o meu silêncio por [in]gratidão; mas que realmente não posso hoje escrever-lhes por absoluta falta de tempo.

O meu romance não tem saído porque o não tenho mandado pelas mesmas razões; mas agora continua.

O felizardo do Gr<sup>a</sup> M<sup>a</sup> [Graça Maria] escreveu-me para lhe arranjar casa, a fim de vir para aqui um mez [mês] na presunção de que n'este [neste] tempo consegue um emprego; assim que poder, o Papá que lhe escreva, dizendo-lhe que não lhe respondi logo por falta de tempo, mas que entendo que elle [ele] não deve vir sem ter um emprego certo, porque um emprego não se arranja com a facilidade que elle pensa, e que aqui se gasta muito; como tem empenhos, que faça pelo [para o] conseguir e que depois, com todo o gosto lhe arranjarei quartel; ainda assim, que se elle [ele] quizer [quiser] vir, m'o [me o] diga, pois nada tenho com que elle [ele] venha ou deixe de vir.

Se esta resposta lhe poder [puder] chegar breve, melhor era.

Um abraço às Tias, e que para outra vez lhe escreverei.

Adeus, meus caros Paiés [pais] , até á [à] vista;

Dignem-se a abençoar o



De V. E.

Filho humilde e obediente

Porto, 9 – 3 – 76

José Leite

**Comentário à carta n.º 3**

A primeira nota que se retira desta carta é que foi enviada ao pai e à mãe, nesta mesma ordem, contrariamente à anterior, e que manteve o tratamento de “caro” e não “queridos”, como foi referido no comentário à primeira carta.

Ressalta, também, pela correspondência existente neste espólio, que escrevia, até esta altura, com uma regularidade mensal, o que seria normal para esta época quando o correio não tinha as mesmas facilidades de transporte da actualidade<sup>57</sup>. Na verdade, os transportes nesta época, quando os havia, feitos em carros puxados por cavalos, sem ligações ferroviárias<sup>58</sup>, eram morosos e a distância do Porto à casa paterna, em Mondim da Beira, era grande. De resto, o percurso que fez pela primeira vez para o Porto, tudo indica, realizou-o a pé até à Régua<sup>59</sup>, o grande porto de embarque do vinho do Porto<sup>60</sup>, acompanhado pelo pai e por um criado, com um cavalo que, para além do transporte da pouca carga, poderia, à vez, dar descanso às pernas; mesmo assim, com a dificuldade da locomoção provocada pela neve abundante, onde “se lhes enterrava o cavalo” (Guerreiro, 1994, p. 59). Por esta época, o transporte fluvial era o mais eficaz, face ao “estado lamentável... [que] mesmo já em período liberal, continuava a merecer duras críticas” (Mendes,

<sup>57</sup> “O tráfego gerado pela cidade comercial era tão formidável que, ainda no século XIX, em Nova Iorque, eram comuns engarrafamentos de trânsito... Até aquela época, na maior parte das cidades, a grande maioria da população ia a pé para o trabalho. Isso não significava que seus locais de trabalho ficassem necessariamente na sua própria vizinhança... o trabalhador ou mesmo o empregador podia percorrer duas ou três milhas a pé, para ir trabalhar, embora, no mau tempo, tal coisa constituísse um grave embaraço para os pedestres subalimentados e mal vestidos”. Com a invenção da módica diligência, da estrada de ferro e, finalmente, do bonde [ou carro americano\*], começou pela primeira vez a existir na história o transporte colectivo (Mumford, 1982, p. 465).

\* “Lisboa, 18 de Novembro de 1873 - Chegaram os ‘americanos’. Foi hoje inaugurada, no meio da curiosidade popular, a primeira secção da linha de carruagens sobre carris de ferro, pelo sistema americano. Esta linha liga a estação de Santa Apolónia ao Aterro da Boa Vista... No cortejo figuraram 32 carruagens (24 fechadas e 8 abertas para os fumadores), todas engalanadas com a bandeira nacional” (Saraiva e Guerra, 1998, p. 86).

<sup>58</sup> O primeiro troço de via férrea foi inaugurado a 28 de Outubro de 1856, de Lisboa ao Carregado e, em 1865, já se podia ir de Lisboa ao Porto em poucas horas. Certamente, a ligação em terras do Norte fazia-se com maior dificuldade.

<sup>59</sup> Cidade que tem no brasão um barco rabelo carregado com pipas de vinho, navegando num rio com águas encapeladas, e está encimado com dois cachos de uvas.

<sup>60</sup> O primeiro barco ultrapassou o Cachão de Valeira em 1789, treze anos depois da data desta carta. “Só no reinado de D. Maria I, em 1780, se deu início a tal empreendimento e, a 22 de Outubro de 1789, já pôde um barco descer e subir com êxito o temeroso cachão, dando-se por concluídos os trabalhos em 1792, como consta de uma inscrição colocada, na altura, naquela zona. O rio a partir daí, tornou-se navegável do Porto a Barca d’Alva, mas ficou sempre um ‘rio mau de navegar’, porque as suas cobardias e traições não deixaram de existir” (Duarte, 1994, p. 788).

1993, p. 372), tornando a cidade, tal como num passado distante, “contemporânea dos aperfeiçoamentos da navegação, desde o feixe flutuante de juncos ou de troncos até ao barco impelido por remos ou velas” (Mumford, 1982, p. 84) que, no caso, era o “barco rabelo”<sup>61</sup>.

Portugal, nesta época, era, dos países da Europa, o mais atrasado em meios de transporte, nomeadamente, no caminho-de-ferro em que estava negativamente ultrapassado pela Rússia e pela Suécia (Pinheiro, 1979, p. 285). No entanto, deve ter-se em atenção que Leite de Vasconcelos, desde 1878 (Ribeiro, 1974, vol. II, p. 386), nunca teve dificuldade nas deslocações, nem delas se queixou, aproveitando todo o tempo de férias para fazer pesquisa de terreno, “não perdia os momentos livres e as suas férias em ócios ou frivolidades” (Brandão, 1959, p. 9). Neste ano, havia visitado Vila-Cova de Carros<sup>62</sup>, realizando “o primeiro trabalho sobre tradições populares – ‘O Presbitério de Vila-Cova’, deve-se a umas curtas férias do Carnaval de 1878 do então estudante do Liceu, passados para descanso e estudo na freguesia de Vila-Cova de Carros, do concelho de Paredes, onde era pároco um seu primo, o P.e Adriano Leite Cardoso Pereira de Melo. É um estudo sem altas pretensões, que, no entanto, preanuncia qualidades de um grande observador” (Brandão, 1959, p. 9). Como diz Orlando Ribeiro, “o primeiro estudozinho etnográfico... onde fora refugiar-se, *para investigar*, nas férias do Entrudo. Com ele abrirá, doze anos mais tarde, a coleção dos *Ensaios Etnográficos*” (Ribeiro, 1960, p. 67).

Fica-nos presente a preocupação de enviar a ajuda pecuniária aos pais e, partilhando-a em cada ordenado, cumprindo a proposta do tio, e de a reforçar sempre que lhe fossem pagos os retroactivos trimestrais. Uma preocupação que coexiste com a satisfação das suas necessidades, ultrapassando-as sozinho, pagando-as do seu bolso, sendo paradigmática a falta que lhe fizeram as botas para ir visitar um amigo. Estas botas já as havia pedido à mãe para lhas enviar, depois de cosidas.

Encontramos uma referência, feita com graça, ao facto de ter comprado uma cama a meias com o tio, o que, aliás, já havia sido previsto como necessário pelo tio<sup>63</sup>, demonstrando um apurado sentido de humor crítico, com a pertinência jocosa que o acompanha na escrita de outras cartas.

<sup>61</sup> No transporte fluvial, “entre os diversos tipos de embarcações utilizados – alguns bem conhecidos, como a barca serrana (no Mondego), o moliceiro (na ria de Aveiro) e o rabelo (no Douro) - desempenharam papel significativo as barcas de passagem...” (Mendes, 1993, p. 373).

<sup>62</sup> Vila Cova de Carros está situada a pouca distância do rio Sousa, estendendo-se pelo Nordeste da anteriormente denominada Montanha do Mundo, no topo deste monte encontra-se um forte castro que parece ter sido aproveitado durante a Reconquista. A igreja, cuja edificação se calcula do século XII, foi o monumento que despertou, nesta altura, a atenção de Leite de Vasconcelos.

<sup>63</sup> “Precisa de trazer uma cama decente e esta consta de barra de ferro (compra-se aqui em meio uso por 2500 a 3000 reis), enxergão, colchão, cobertor, 4 lençóis...” (Guerreiro, 1994, p. 59).

Depois, deu notícias do seu relacionamento com os amigos e conhecidos e transmitiu, com alguma perplexidade, a notícia de um duelo que, por esta altura, já contra a lei vigente<sup>64</sup>, envolveu um indivíduo conhecido da família.

Evidencia um conhecimento actualizado quanto ao desenvolvimento da actividade da política internacional e, fundamentalmente, pelo interesse da política nacional que fora transmitido pelo exemplo de seu pai<sup>65</sup>, ao meter-se, de modo trocista, com um residente da terra, mandando-lhe os pêsames pela derrota dos “carlistas”<sup>66</sup>, que haviam levantado a “questão ibérica”, a ideia de uma união dos dois países com a qual alguns portugueses concordavam, “incluindo o Duque de Saldanha” (Serrão, 1989, p. 50) que “chegou a refugiar-se na Galiza” (Bonifácio, 2002, p. 58). Esta opinião tinha caído politicamente, depois de resolvida a questão dinástica em Espanha, a que se seguiu uma grave crise económica que alastrou até Portugal<sup>67</sup>. Leite de Vasconcelos, ao pedir os jornais atrasados na carta anterior,

<sup>64</sup> “Nos fins do séc. XVIII e princípios do séc. XIX, os juristas Melo Freire e Pereira e Sousa insurgem-se contra os duelos e desafios, preconizando a instituição de tribunais de honra... E, no séc. XIX, finalmente, manteve-se a proibição do duelo, embora com atenuação considerável das penas, tanto no *Cód. Penal* de 1852, como no de 1886” (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 9, p. 335).

<sup>65</sup> “Ora uma noite levantou-se altercação entre o padre liberal António Cardoso Ferreira, da Ucanha, parente dos Leites, e um grupo de Miguelistas. O moço António tomou o partido do primo padre, o que valeu feroz perseguição, que o obrigou a andar escondido durante seis anos. Ai se vão estudos e indispensável ajuda a sua casa já economicamente abalada. E ao irmão José não faltaram sevícias e afrontas, tendo também perdido sua carreira literária. Em tais circunstâncias que muito foi tivesse piorado a porventura já difícil situação material de D. Maria Luciana? Dois filhos homens praticamente perdidos para a economia da casa e ainda por cima a clandestinidade, sem dúvida dispendiosa, do moço António. Com a chegada do exército libertador ao Porto, o José [seu pai] correu a alistar-se no Regimento dos Voluntários da Rainha, em 18 de Setembro de 1833 com 23 anos... [tendo comportamento heróico]” (Guerreiro, 1994, p. 57). Contudo, o pai de Leite de Vasconcelos nunca ganhou algo com isso. “... (O Governo) nunca lhe deu (ao pai) um emprego condigno com o serviço que como soldado fez à dinastia reinante” (Vasconcelos, cit. por Guerreiro, 1994, p. 57).

<sup>66</sup> Designação do grupo político espanhol que, desde 1833, defendia o direito de D. Carlos de Bourbon, irmão de D. Fernando VII, dos seus descendentes e dos parentes próximos, ocuparem o trono de Espanha.

<sup>67</sup> “Mas no ano de 1868 o contexto político era diferente na Península Ibérica. A revolução espanhola que naquele ano depôs Isabel II para confiar o Governo ao general Prim, satisfazia as reivindicações da oposição progressista, mas não resolvia o problema dinástico... Foi neste quadro histórico que o general Prim enviou como ministro para Lisboa, em Junho de 1869, Angel Fernandez de los Rios, para obter a aquiescência de D. Fernando II como futuro rei de Espanha. O nome deste fora já lembrado para o trono da Grécia, em 1862, quando da revolta contra o rei Otão, e dispunha ao tempo de grandes apoios internacionais. Mas o pai de D. Luís I não quisera aceitar. Agora, em caso de recusa ou menos interesse de D. Fernando II, o emissário espanhol deveria fazer uma tentativa idêntica junto de D. Luís, a quem se permitia abdicar o trono português no príncipe D. Carlos. Panfletos circulavam já em Espanha e Portugal, apresentando D. Luís como ‘chefe dos países unidos’ e elevando a irmandade na religião, nos costumes e na língua que uniam os dois povos ibéricos. O rei português teve na emergência uma atitude de grande nobreza em que protestou não admitir qualquer outro destino que o de ser apenas rei de Portugal... O pronunciamento de Saldanha em 1870 arrumou de vez o projecto de sentar um rei português no trono de Espanha... Em 1876... sentiam-se os efeitos da grave conjuntura proveniente da especulação que se produzira em Espanha sobre os títulos da dívida pública... A crise sentiu-se no Porto irradiando para outras terras do Douro e Minho e atingindo em Agosto a capital” (Serrão, 1989, p. 50, 51 e 58). A subida ao trono de D. Afonso XII, em 1875, acabou com a crise dinástica e com a aspiração dos “carlistas”, mas abriu uma grave crise económica.

demonstra a necessidade da leitura de informações noticiosas e de eventuais opiniões nos debates publicados, que lhe possibilitavam uma permanente actualização.

Nesta carta pediu desculpa a todos a quem não escrevia, por “absoluta falta de tempo”, afirmando que ninguém fora esquecido. De forma lacónica, mais uma vez crítica, refere-se a um amigo que queria ter emprego no Porto mas que, face à realidade económica e social da época, o deveria arranjar primeiro através de um “empenho”, antes de arriscar a deslocação para a cidade, sem ter conseguido uma colocação prévia. Desta maneira, mostrava, com realismo, as dificuldades por que passava o Porto, a primeira cidade do país a sentir a crise vinda de Espanha. Uma crise que, conforme notícia de 18 de Agosto de 1876, levou “os depositantes a correrem aos bancos em todo o país para levantarem as suas economias logo que se soube da desvalorização da moeda espanhola... A cotação dos fundos portugueses no estrangeiro desceu 43%... Registaram-se já várias falências bancárias”<sup>68</sup>. Crise que o governo da época ultrapassou, fazendo um empréstimo a juros baixos, à Inglaterra.

Tem-se, nesta carta, a informação de que Leite de Vasconcelos escrevia um “romance” que enviava para a terra – “o meu romance não tem saído porque o não tenho mandado pelas mesmas razões; mas agora continuará” – e que se supõe ter sido incluído no *Romanceiro Português*, publicado em 1958, o que demonstra a precocidade da investigação e uma propensão para a escrita que, a par do ensino, o acompanharia para o resto da vida.

No fim da carta continua a pedir a bênção dos pais e a declarar-se filho humilde e obediente.

#### Carta n.º 4

[início de Maio de 1876]

Meus caríssimos Paes [pais]

Recebi hontem [ontem] as suas cartas, já estava em cuidado porque ha [há] muito não tinha d’aí [de aí] notícias.

O Adriano e a Mariana vem [vêm] agora para cá, e por essa razão não cabia eu em casa do Tio; mudei mesmo para o Lyceu [Liceu] para um quarto desocupado que o Albuquerque me deu; dá-me a comida um dos empregados, por 200 =<sup>69</sup> diarios [diários], mais barato e mais bem servido: tenho ao almoço café com leite

<sup>68</sup> “Corrida aos bancos” (Saraiva e Guerra, 1998, p. 89).

<sup>69</sup> O sinal = significa a moeda Reis, como foi referido anteriormente.

e trigo; jantar, caldo, vacca [vaca], arroz, sallada [salada] e às vezes prato de meio; ceia, peixe ou carne, vinho em muitas das últimas comidas.

Em casa do Tio estava eu muito encommodado [incomodado]; aqui estou bem; tenho um jardim para estudar e passear, etc.

O tio disse que o Jorge o não recêbera [recebera] muito affavel [afável]; a mim não tenho que dizer. Heide [Hei-de] lá ir domingo próximo.

As Leites tratam-me muito bem; sou muito amigo do Rodrigo, sobrinho dellas [delas].

Para o anno [ano] tenciono estudar = introduccão [introdução], Philosophia [filosofia], Geometria [geometria] e Llatim [latim].

Se conseguir uma coisa, espero vêl-os [vê-los] cá breve. Não dêem os gatos nem ao Sales, que tambem [também] os quero cá.

Visitas a essa gente toda.

#### Dia 1º de Maio

Esqueceu-me enviar a carta antes, porque outros negocios [negócios] (estudos e a secretaria) me têm preocupado.

Fui hontem [ontem] a casa do Jorge; tratou-me mtº [muito] bem, e mandou visitas a [à] Maman [Mamã]. Levei-lhe uma poesia, que me agradeceu.

Para certos meus estudos litterarios [literários], preciso de junctar [juntar] todos os contos que eu poder [puder]; como o Tio Antº [António] é fertil [fértil] nessas histórias que durante a mª [minha] infancia [infância] me contava, é provavel [provável] que ainda hoje as saiba. Devem, pois, copiar-m'as [copiar-mas] todas, e mandar-m'as [mandar-mas] assim que poderem. Tambem [também] as ha de [há-de] saber em verso, e essas mais as desejava eu. As Marinheiras, a Thereza [Teresa] do Antº [António] Joaquim, ou outras quaisquer mulheres hão-de saber muito disso. Tudo eu desejava. Para fazerem idêa [ideia] de como eu quero isto, vai o incluso especimen [espécimen].

Assim que tiverem portador, desejava que me mandassem os seguintes livros do meu quarto: De la manière d'étudier les belles lettres<sup>70</sup> (em francez [francês]) tomos: 1º, 2º, 3º e 4º; mas que venham direitos aqui ao Lyceu [liceu], n.º 200 = R. de S. Catharina [Catarina], e com a maior brevidade.

<sup>70</sup> Refere-se ao livro: ROLIN, Charles (1736) – *De la manière d'étudier les belles lettres. Par rapport à l'esprit & au coeur*. Paris: Madame Estienne.

Agora com os exames d'instr. [de instrução] prim. [primária] que ha [há] no Lyceu [Liceu], tenho muito que fazer.

Peço que não haja descuido no que peço.

Pede as suas benções [bênçãos]

De V. E.

Filho mt [muito] obedt [obediente]

Leite de Vasconcellos

[*post scriptum* em nota na margem da última página, lateral à assinatura]

PS.

A D. Maria Fazenda ha-de [há-de] saber muitos d'estes [destes] versos.

[*post scriptum* no fim de página, depois da assinatura]

Entre as histórias que a Tia me contou, lembro-me eu da do = Gran [Grande] –Senhor = Rei Minas ou Midas = do pássaro que fala = etc.; isto tudo bem copiado, que não falte nada.

#### Comentário à carta n.º 4

O termo “caríssimos” transmite, mais uma vez, a ideia de distanciamento, porém, sendo o superlativo absoluto de “caro” acrescido do pedido da bênção, fazendo-o a ambos no final das cartas, transmite a ideia da respeitabilidade e da grande ligação afectiva que sempre dedicou aos pais.

A resposta de Leite de Vasconcelos demorou entre Março e Maio, tal como se verifica nesta carta, o que dá um total de mais de três meses de intervalo na troca de correspondência. Este atraso deve-se a dois motivos: por um lado, à falta de tempo disponível, como afirma na segunda parte da carta, datada de 1.º de Maio, com o trabalho na secretaria do liceu e com os estudos; por outro, muito possivelmente, correspondia, com este silêncio, às advertências da mãe relativas à redução de todas as despesas: “Reduz as cartas do correio, bem como compra de livros; aproveita-os de empréstimos” (Guerreiro, 1994, p. 59).

Isto para além de outras recomendações: “Vai tendo mão quanto puderes nessas calças para as não estragares” (*ibidem*). Um cuidado que só um ano depois estaria ultrapassado com a presença do pai, já no Porto, depois da

interferência do tio em arranjar-lhe emprego<sup>71</sup>, escrevendo, então, o pai à mãe. Numa das cartas que enviou, um ano depois desta, em Fevereiro de 1877 (*idem*, p. 60), torna-se significativa a descrição que faz sobre a ocupação temporal do filho, para além dos cuidados que tem com ele: “Almoça antes das 8 horas, a estas vai para S. Carlos ao Latim até às 10; às 10 para a secretaria do Liceu; ao meio-dia *Introdução*, no Liceu, até à uma; às duas vai para a Geometria, em S. Carlos. Jantamos às três e meia. Às 5 torna à *Introdução* até às 6 e estuda todo o tempo que lhe cresce até às 11, meia-noite, e das 5 da manhã a horas do almoço... Ainda tem as calças de lona que tem trazido sempre por casa, com um rasgão no cu. Disse-me que nem se pentearia nem engraxaria as botas, mas quando tenho ocasião, engraxo-lhas eu: a sua vida é estudar todo o tempo que lhe cresce de suas obrigações... Na segunda-feira, de tarde, fui tirar-lhe grandes nódoas que tinha no casaco e nas calças... Hoje fui dar-lhe uns pontos nas botas, que lhe têm aturado bastante” (*ibidem*). Leite de Vasconcelos aplicava-se no trabalho, não tinha tempo para se preocupar com a sua aparência; no trabalho de amanuense, de onde saíam os rendimentos para a economia familiar, até o pai arranjar emprego<sup>72</sup>, e no estudo, deitando-se vestido em épocas de exame (*ibidem*).

Nesta altura, saiu de casa do tio para ir habitar no colégio, passando a ser aluno interno e a pagar uma diária mais barata da que estava a suportar, o que já tinha previsto o tio na segunda carta enviada ao pai. Denomina as refeições da mesma maneira que o fez na primeira carta, apresentando uma vantagem na alteração de residência, por ser o repasto “mais bem servido”; “ao almoço, café com leite e trigo”, ou seja com o “pão branco” muito apreciado, na altura, pelas pessoas de poucas posses económicas<sup>73</sup>, pela leveza e paladar, sendo na ceia, o jantar citadino, frequentemente, apresentado com vinho. Embora continuasse a visitar o tio, no colégio encontrou melhores condições para o estudo e para descansar. Em casa do tio, infere-se que dormia no mesmo quarto do primo António, que “agora [já] era bom rapaz”, mas estava incomodado por não se sentir à-vontade.

É, também, na segunda parte desta carta, que se encontra, pela primeira vez, o pedido de envio de livros que estavam no seu quarto, o que corresponde à recomendação de poupança da mãe. Pede os volumes de *De la manière d'étudier*

<sup>71</sup> “... pois espero também arranjar-te aqui mais dia menos” (Guerreiro, 1994, p. 59).

<sup>72</sup> Em 1877, o pai escrevia à mãe: “‘Peço-vos que não passeis mal, e, se for preciso mais, mandai dizer’ Em um saquinho feito por D. Maria Henriqueta se iam lançando as economias suadas de trabalho. ‘(O José) ontem recebeu o trimestre, deu-me à noite um papelinho lacrado com doze mil réis em ouro para botar ao saquinho que tu lhe deste, onde eu já tenho cinco; deste que temos não se lhe bole’. Escrevia estas últimas palavras em 11 de Janeiro de 1877. Mulher e irmã já estavam no Porto por Março deste mesmo ano” (Guerreiro, 1994, p. 60-61).

<sup>73</sup> Nesta época, o pão escuro era mais barato. Normalmente, a massa era composta por uma mistura de trigo com cevada ou só de centeio.

*les belles lettres. Par rapport à l'esprit & au coeur*, obra que apresenta um estudo sobre quatro grandes temas, dispostos nos quatro volumes, sobre “a inteligência das línguas”, a poesia e a língua francesa, o estudo da língua latina e o estudo da língua grega (referido na nota de rodapé n.º 70). Nestes volumes, encontram-se, entre outras matérias, descrições sobre os usos e costumes dos povos referidos, relações sociais e organizacionais que, sem dúvida, interessavam a Leite de Vasconcelos. É uma obra que se destaca dos outros livros, que haviam sido solicitados pelo conteúdo do próprio pedido: em primeiro lugar, ao indicar, com precisão, a numeração dos respectivos volumes, ou seja, a obra completa; em segundo, pela forma enfática que coloca no interesse “que venham todos”; e, por último, no cuidado de dizer para os enviarem para o liceu e não para outro lugar, revelando uma atenção para que não houvesse a possibilidade de sofrerem algum extravio. Estes livros, apesar dos seus cento e quarenta anos de antiguidade, à data desta carta, constituiriam para Leite de Vasconcelos, para além de um clássico de referência, uma obra de grande interesse pessoal.

O pedido insistente para os pais lhe escreverem todos os “contos” que soubessem e para os recolherem de quem os conhecia, indicando-lhes algumas das melhores “fontes orais” ou de “informantes privilegiados”, que deveriam ser contactados para a execução dessa mesma recolha, demonstra já o grande interesse de Leite de Vasconcelos em coligir com rapidez, a partir de fontes orais, a tradição popular.

Finalmente, o cuidado colocado no envio de dois selos postais que, de acordo com a época, se denominavam por estampilhas, demonstra, mais uma vez, o reconhecimento das dificuldades económicas por que passavam os pais, e a preocupação de os ajudar e não os sobrecarregar em nada e, de certo modo, contrariando a recomendação da mãe quanto à redução dos gastos e até da correspondência, em tudo poupando, pedindo para que lhe escrevesse. Com este gesto, Leite de Vasconcelos, demonstra a ternura do filho na amargura da solidão.

#### Carta n.º 5

[30 de Agosto de 1884]

Minha querida Mamã:

Estou no Zeive<sup>74</sup> desde 4<sup>a</sup> feira. Como o Adriano disse, ha [há] aqui bons ares, bôa [boa] agoa [água]<sup>75</sup> e bom presunto. Tenho papado como um padre em todas as partes: sempre gallinha [galinha] e leitão. Nos meus estudos tenho



feito também uma colheita razoavel [razoável]<sup>76</sup>.

Fui hoje à Hispanha [Espanha]: uma grande montanha para atravessar e algum calor pelo caminho. Estive numa terra pouco importante, mas lucrei porque fiz alguns estudos lá.

Depois de amanhã marcho para Miranda, mas tenho de andar ainda 3 ou 4 dias, porque preciso de parar em algumas terras.

Esta gente de por aqui [daqui] tem ficado assarapantada com as minhas perguntas, mas sempre me responde, que é o que eu mais quero.

Eu escrevi-lhe de Bragança. Recebeu a carta? Nella [Nela] lhe dizia que me escrevesse com este nome Manoel [Manuel] Antonio Branco de Castro, correio de Miranda do Douro, – Duas – Egrejas<sup>77</sup> [endereço sublinhado no original, sendo Duas Igrejas sublinhado com dois traços]. Escreva-me logo que esta receba, para eu estar ainda em Miranda. Escreva á [à] Sophia [Sofia], dizendo-lhe que eu lá para 8 ou 10 passo em Villafior [Vila Flor]<sup>78</sup>. Espero ir a Villa-Real [Vila Real] e depois a Alvações<sup>79</sup>. Devo estar em Baião<sup>80</sup> ahi [aí] por 15 ou 16 de Setembro.

As terras por aqui são tristes e solitarias [solitárias]<sup>81</sup>; mas é preciso conhecer de tudo.

<sup>74</sup> Aldeia ou lugar da freguesia de Parâmio, no concelho de Bragança. Zeive teve importância administrativa no passado, foi sede de uma freguesia extinta, e o início do povoamento, como se apresentava na época da visita de Leite de Vasconcelos, é anterior ao século XII. Porém, a presença humana com as fortificações castrejas demonstra uma antiguidade pré-romana. Este património foi enriquecido com a descoberta, em meados do século passado, de sepulturas em pedra que ainda continham ossos humanos. Situa-se relativamente perto da fronteira de Espanha, só ultrapassada na proximidade por Rio de Onor, um pouco acima e à direita de Zeive e Londelo e Moimenta à esquerda, nas cartas geográficas. Perto passa o rio Baceiro, um dos afluentes do Tuela que obrigou à construção da ponte de Parâmio; toda a região é rica em água, encontrando-se vários moinhos por ela movidos. No conjunto, constitui um vasto património arqueológico de grande significado que tem vindo a ser preservado.

<sup>75</sup> Leite de Vasconcelos refere a qualidade da água, cuja abundância e importância já foi indicada na nota anterior.

<sup>76</sup> É mais um indicador do trabalho de investigação que vai realizando, a par do trabalho na secretaria do liceu e dos estudos.

<sup>77</sup> Sublinhado conforme o original.

<sup>78</sup> Localizada em Trás-os-Montes, hoje concelho de Vila Flor, está situada na estrada entre Vilarinho das Azenhas e Nabo, na direcção da Torre de Moncorvo.

<sup>79</sup> Alvações do Corgo é uma freguesia do concelho de Penaguião, no distrito de Vila Real.

<sup>80</sup> Toda a região do concelho de Baião está, morfologicamente, situada nas Serras do Marão e da Aboboreira. Esta serra é particularmente rica em elementos arqueológicos – castros, menires e outros achados. A riqueza arqueológica de Baião levou à construção da Sala-Museu de Arqueologia do Município, situada na Casa da Cultura, Rua Eça de Queirós, onde se encontra depositado o espólio resultante das escavações arqueológicas, iniciadas em 1978, integradas no projecto do Campo Arqueológico da Serra da Aboboreira. Baião encontra-se na estrada que liga Ancede a Candemil. Foi a grandiosidade da natureza rude, isolada e até lúgubre destas serras que, marcadas pelo relevo e pelo arvoredado, deram as paisagens descritas por Eça de Queirós, em *As Cidades e as Serras*.

<sup>81</sup> A população existente, face à agressividade da natureza, foi sempre muito reduzida. Uma parte significativa entrou, desde muito cedo, na emigração.

Visitas ao Justino, Mascarenhas, Mesquita, Lemos, Coelho e Anna.

Não tenho escrito ao Justino por falta de ocasião [ocasião]; mas heide [hei-de] escrever-lhe ainda, em breve.

Acceite [aceite] um abraço do Adriano, e outro d'este [deste]

Seu f. mt. am. [filho muito amigo]

Zeive, 30 de Agosto  
de 1884

José

[no topo desta última página, em texto invertido]

P.S. Veja se se resolve a vir a Baião, e diga-m'ó [diga-mo].

#### Comentário à carta n.º 5

Esta carta foi escrita oito anos e seis meses depois da primeira, o que significa que Leite de Vasconcelos tem vinte e seis anos de idade, acabados de fazer em Julho anterior, e está envolvido em mais um dos seus “trabalhos de terreno”. Nesta altura, já havia terminado o curso de Ciências Naturais, na Academia Politécnica do Porto (1879-1881), cumprindo a sugestão do tio e, agora, estudava Medicina na Escola do Porto, na qual se havia de formar em 1886. Também já havia publicado o “Presbitério de Vila-Cova”, o primeiro trabalho sobre tradições populares, nas revistas *O Académico* e *Aurora do Cavado*, e o *Dialecto mirandês*, que foi o seu primeiro livro de Filologia.

Neste intervalo temporal, existem, certamente, outras cartas que não são conhecidas neste espólio, porém, levanta-se sempre a possibilidade mais viável de umas não terem sido guardadas, e de outras se terem extraviado pelo próprio correio. Esta última hipótese tem alguma validade, porque, na carta anterior que enviou à mãe, queixa-se de não ter obtido resposta, devido ao possível erro no endereço.

É a primeira carta em que aparece o termo “querida”, a que se junta o mesmo tratamento de “mamã”, sugerindo que passara a relacionar-se com a família num à-vontade que não tivera na referida “juventude em amadurecimento” que, embora responsável, ainda não havia passado à “maioridade”.

Agora, com 26 anos, os laços afectivos do filho para com a mãe atingiam uma nova dimensão. Com este tratamento pretendia, certamente, transmitir à mãe uma maior ternura, sobretudo depois da morte do pai que ocorrera três anos antes, a 16 de Março de 1881. A sua relação familiar fora sempre centrada nos

pais, e agora evidenciava-se com o “amor que nutria pela mãe” (Brandão, 1959, p. 29), colocada acima das relações sociais oriundas da afirmação social continuada, pelo trabalho, pelo sucesso nos estudos académicos, pela determinação e independência nos “trabalhos de terreno” e pelas investigações publicadas.

As notícias que dá são de uma vida saudável, com boa e farta alimentação, que resume no termo “papado”, comparando esta fartura à dos padres que, como é do conhecimento comum, recebem dos paroquianos a melhor das atenções.

Nesta altura, e, mais uma vez, o autor andava a fazer “trabalho de terreno”, tendo passado por Espanha, onde recolheu elementos que considerou importantes, se bem que, para isso, tivesse de andar bastante e com temperatura elevada. Diz à mãe que vai até Miranda, fazendo recolha de informações pelas terras que se encontram no percurso. E traça um itinerário que compreende Zeive – Miranda – Vila Flor – Vila Real – Alvações – Baião, um vasto território que percorrerá durante quinze dias.

Este trabalho agrada-lhe, sabemos-lo, desde muito novo, tem-no até por gratificante com as respostas que obtém, ressaltando deste modo a curiosidade peculiar do cientista social, salientando a perplexidade das populações face às questões que lhes coloca que, como diz, “mas sempre me respondem, que é o que eu mais quero”.

A alusão ao local como “terras tristes... e solitárias” deve-se às características morfológicas e geológicas do local, ermo de gente no agreste dos montes.

Ao despedir-se da mãe, deixa de usar a terminologia das cartas anteriores para se afirmar, com carinho, como “seu filho muito amigo”.

#### Carta n.º 6, ao tio António Leite

MNA

N.º de autor - 3709

N.º de espécie - 2424

{Papel de carta com chancela da  
Biblioteca Nacional de Lisboa;  
Lisboa, 18 de Abril de 1890}

Meu presado {prezado} tio e amº. {amigo}

Quando comecei a publicar a minha Bibl. {biblioteca} ethnogr. {etnográfica} port.<sup>82</sup> {portuguesa}, offereci {ofereci} o 1º vol. à memória de meu Pae {Pai}, e

<sup>82</sup> Sublinhados conforme o original.

desejava offerecer o 2º volume ao Tio, como segundo Pae que foi meu, tirando-me de Mondim [Mondim da Beira] e pondo-me no caso de poder seguir a minha vocação<sup>83</sup>; mas a publicação do 2º vol. tardou e tarda, e como só tenho, depois d'isso [disso] publicado folhetos pequenos, excepto a these [tese de doutoramento] e as Balladas<sup>84</sup> [Balladas do Ocidente<sup>85</sup>] que foram offerecidas à Mamã, eu queria offerecer-lhe tambem [também] um livro de certa extensão. Para não tardar ainda mais a prova embora humilde, da minha grande e eterna gratidão para com o Tio, resolvi-me a dedicar-lhe este volume, com quanto eu desejasse dedicar-lhe outro maior e de mais importância. Desculpe a insignificancia [insignificância] da offerta [oferta].

Escrevo mt [muito] à pressa. Andei pelo Alentejo em estudo 20 dias, cheguei hoje à tarde

Amanhã [escrita sobre a palavra brevemente que, por sua vez, está riscada] escreverei às primas. Ao Adr<sup>o</sup>. [Adriano] tenho escrito; ele é que se mette [mete] em copas.

Lembranças da Mamã, e abraço para todos

Seu sobr. [sobrinho]  
muit. am. obr [muito amigo e obrigado]

Lisboa, 18-4-90

José

<sup>83</sup> "Ao acabar de 1875 escreve ao irmão, anunciando-lhe que tinha quase certo para o sobrinho um lugar de amanuense no Liceu do Porto e traça-lhe um amplo e prometedor plano de vida que faria a felicidade de pais e filho: "... com essa colocação pode o rapaz com um pequeno estudo habilitar-se para fazer exame das matérias de que já tem conhecimento e pode estudar mais. Além disso, com essa quantia bem aplicada já aqui se não morre de fome e pode ganhar mais leccionando, ou noutra qualquer coisa, e de futuro, ganhando relações, empregar-se convenientemente; e tu, colocado aqui, podes arranjar mais dia, menos dia...". E pedia, com ansiedade que lhe respondessem na volta do correio. E a resposta foi afirmativa. Segue nova carta com mais pormenores: 'Felizmente já se me deu resposta, o teu José está arranjado da seguinte maneira: vai para o Colégio de Santa Catarina, próximo do Liceu, aonde tem cama, mesa e roupa lavada, tendo de auxiliar o director na aula de instrução primária até às 10 da manhã, indo a essa hora para o Liceu auxiliar o secretário até às 2 da tarde; volta para o colégio a jantar, ficando-lhe livre o resto do dia e os dias feriados; pode estudar para habilitar-se a fazer os preparatórios, tendo as lições gratuitas para o que quiser estudar; se se portar bem, como espero, e merecer a atenção do secretário, pode não só frequentar e fazer exame dos preparatórios, mas seguir o curso da Escola Politécnica, que está igual à de Lisboa...' (Guerreiro, 1994, p. 58).

<sup>84</sup> Sublinhado conforme o original.

<sup>85</sup> Refere-se a *Balladas do Ocidente* (1885); Porto: Livraria Portuense. (Livro com 344 páginas que contém muitas das poesias publicadas, anteriormente, em opúsculos).

### Comentário à carta n.º 6

Esta carta foi escrita quando Leite de Vasconcelos tinha trinta e um anos de idade. Nesta altura, já se havia licenciado em Medicina e exercido a profissão durante 1887, para a abandonar, nesse mesmo ano, entrando como conservador para a Biblioteca Nacional, cujo papel timbrado utilizou para escrever ao tio. De resto, não era uma situação nova, para o aproveitamento de tempo, chegou a utilizar o papel do liceu onde foi funcionário, o papel que lhe estava à mão.

Do livro que dedica ao tio, pedindo-lhe desculpa pela pequena “extensão e importância”, mas para “não tardar ainda mais a prova embora humilde, da minha grande e eterna gratidão”, não foi possível encontrar uma referência exacta. Sabe-se que publicou oito trabalhos em 1890, ano em que foi escrita esta carta, e um em 1890-1891. Destes trabalhos, o maior tem 144 páginas, seguindo-se três com 73, 70 e 63 páginas, o que ainda deixa seis publicações com um número reduzido de páginas, que não possibilita uma inferência plausível, face à pequena extensão referida pelo autor (Brandão, 1959, p. 50-51).

A ligação à “parentela”<sup>86</sup>, neste caso, está evidenciada na relação com o tio que, por sua vez, o apoiou na saída da terra natal, no arranjo de trabalho, na estada no Porto, no prosseguimento dos seus estudos e na ajuda que deu ao pai, arranjando-lhe trabalho e possibilitando a vinda da mãe e tia, juntando a sua família.

A gratidão que dedica à família, evidenciada por ele próprio, ficou materializada com a dedicação dos seus primeiros livros. Começa por fazê-lo ao pai, seguindo-se a mãe e, agora, é ao tio que o havia ajudado a ele, no início da vida, e aos pais que puderam também ir trabalhar para o Porto.

O aproveitamento do tempo está, mais uma vez, presente, quando diz ao tio que acabou de chegar do Alentejo onde andou em “trabalho de terreno”; ultrapassando o cansaço, escreveu ao tio, guardando para o dia seguinte a escrita às primas.

Aproveitando o tempo para a escrita das cartas, queixa-se da falta de resposta da correspondência que enviara a um dos amigos.

Despede-se do tio, incluindo a mãe nessa despedida, demonstrando a sua grande amizade e respeito.

<sup>86</sup> “Pode dizer-se... que a parentela é antes de mais um vocabulário social (e também o primeiro compreendido pelas crianças), através do qual se definem espaços e fluxos de relações, limites entre grupos quer no sentido de separações quer de possíveis alianças, e ao mesmo tempo cada indivíduo é colocado no interior destes” (Saraceno, 1992, p. 59-60).

### Comentário final

Na primeira carta escrita por José Leite de Vasconcelos à sua “Cara Mamã”, em 1876, tinha acabado de chegar ao colégio e ao liceu, onde trabalhou como amanuense na secretaria, deixando transparecer a carência dos cuidados de quem, pela primeira vez, se encontra fora da sua terra e sem a presença dos pais. Na última carta, não dá notícias nem do seu trabalho, nem mostra qualquer insatisfação que não seja a falta de reciprocidade na correspondência de uma das pessoas da sua relação de amizade, a do P.<sup>e</sup> Adriano Leite Cardoso Pereira de Melo, seu primo direito, que fora seu mestre em Francês; queixa-se, como sempre, da falta de tempo.

Com estas cartas, se bem que em número reduzido mas de elevado significado, ficou demonstrada a vocação de José Leite de Vasconcelos, desde a tenra juventude, para a investigação científica, à qual dedicou todos os momentos da sua vida. Na verdade, o pedido que endereça aos pais para a recolha de informações está presente na quarta carta, da parte escrita no dia 1.º de Maio de 1876, ainda com dezassete anos de idade. Porém, este interesse vem-lhe de muito novo, caso contrário não saberia indicar os informantes privilegiados que nomeia na carta seguinte, face à pobreza das informações que lhe haviam sido enviadas. Evidencia-se este pedido, depois de estar no Porto há cerca de cinco meses, quando se encontrava mais adaptado ao lugar e a viver em melhores condições, revelando uma postura comportamental de ponderação.

A visibilidade pública da sua vida de investigador deu-se dois anos depois de chegar ao Porto, como relatou Orlando Ribeiro: “A vida científica de J. Leite de Vasconcelos começou, como investigador, com o singelo relato de uma curta viagem de estudo, aproveitando cinco dias de férias de Entrudo de 1878, à freguesia de Vila Cova, concelho de Paredes, que um primo muito íntimo paroquiava. Estudava então ‘preparatórios’ num colégio particular do Porto, onde já ajudava colegas mais velhos, ganhando a vida e a dos pais como amanuense da secretaria do liceu. Festas religiosas e profanas, divertimentos, primícias aos párocos, fastos [ostentação, aparatos ou luxos] da vida familiar, do namoro aos sufrágios pelos mortos, mostram a profunda coesão da freguesia, a despeito de ser constituída por um conjunto de 16 lugarejos e de a vida social se fazer em torno da igreja, sede de um deles” (Ribeiro, 1974, p. 386).

Na sua relação familiar denota-se uma grande amizade pelos pais e pelo tio que o ajudou no início de vida, uma relação que sempre foi admirada pelos que tinham e têm idênticos valores aos que determinaram essa coesão assente em princípios de afeição e de gratidão. Princípios que foram descritos por

Pinho Brandão<sup>87</sup>, Reitor do Seminário Maior do Porto: “Depois, a dedicação que consagrava paternal, filialmente aos seus amigos, o amor que nutria por sua mãe, que saudosamente lembrava depois da morte, a ternura e encanto com que falava da sua família e da sua terra, a recordação amorosa dos seus tempos de infância, o sentido de gratidão confessada e agradecida aos amigos e colaboradores, o amor à Pátria e tantas outras atitudes manifestam uma faceta do temperamento ou da alma de Leite de Vasconcelos que enriquece extraordinariamente a sua personalidade” (Brandão, 1959, p. 29).

Teve um início de vida de trabalho esgotante, reconhecida por todos os que o conheceram, “carrega[va] com uma vida duríssima nesses primeiros anos do Porto” (Guerreiro, 1994, p. 60). A informação que deu à mãe na terceira carta, sobre as reuniões juvenis em que se declamavam poesias e se dançava, talvez o tivesse feito no sentido de sossegar a mãe relativamente à sua integração social e ocorresse num primeiro momento da sua estada. Na verdade, desde jovem, “mal aprendeu a dançar, não se perdeu em folguedos, era todo o seu empenho ler e escrevinhar” (*idem*, p. 55); nem, posteriormente, um indivíduo que não tinha tempo para dormir, sendo obrigado a descuidar o seu aspecto físico, na roupa e nas botas, teria alguma vez disposição para se entregar a festas, bailes ou outras reuniões sociais que lhe ocupassem o magro tempo disponível, que nem dava para escrever as cartas que pretendia.

Relativamente aos restantes familiares, como as primas, que não fazem parte deste trabalho, poderá ser eventualmente outra, tudo dependendo da reciprocidade desses mesmos valores, assentes em princípios éticos que a ciência nunca alterou.

Estas cartas consideram-se de grande valor para o estudo do percurso da vida do cientista social que foi Leite de Vasconcelos, por ser a primeira correspondência

<sup>87</sup> Sobre Pinho Brandão encontrou-se um texto que, pelo interesse, se passa a citar: “Em objectivo está o aprofundamento da pesquisa histórica sobre a área geográfica da diocese do Porto, quando passam dez anos da morte de D. Domingos de Pinho Brandão, pioneiro no esforço de ligar a teoria e a prática na investigação e na formação para o ministério ordenado. Nascido a 9 Janeiro de 1920, na freguesia de Rossas, Arouca, D. Domingos frequentou os Seminários do Porto e a Universidade Gregoriana, em Roma, onde se formou em Teologia, tendo sido ordenado de presbítero, em S. João de Latrão, Roma, a 24 de Abril de 1943. Foi depois professor do Seminário de Vilar, no Liceu e em colégios, no Instituto de Serviço Social e na Faculdade de Letras do Porto, e Reitor do Seminário Maior. Trabalhou na Acção Católica, particularmente nos meios universitários, na Cúria Diocesana e nas comissões de Arte Sacra e Liturgia. Dedicou-se à Arqueologia e Museologia tendo sido fundador e organizador de vários museus, nomeadamente o Museu de Arqueologia e Arte Sacra do Seminário Maior do Porto, o Museu de Arqueologia da Faculdade de Letras. Foi depois bispo auxiliar de Leiria, onde iniciou a organização do Museu Diocesano de Arte Sacra, e depois Director do Museu Regional de Arte Sacra de Arouca, co-director da Revista de Arqueologia *LVCERNA* e redactor da *MVSEV*, revista de Arte, e membro de várias agremiações literárias e científicas, particularmente da Academia Nacional de Belas Artes. E soube aliar, exemplarmente, o múnus pastoral a um rigoroso estudo e divulgação do Património da Igreja do Porto. A doença que o haveria de vitimar, mostrou-o como «homem das dores», frontal e trabalhador incansável, até ao fim” (Tempos e Lugares...).

que endereça aos pais depois de estar na cidade do Porto. Contêm as primeiras impressões da vida ao encontrar-se sozinho, fora dos pais, da família e dos amigos, transmitindo preocupações, aspirações e necessidades que, sem dúvida, demonstram um espírito ponderado, assertivo no saber, e uma propensão inata para a investigação científica. Deste trabalho resulta a demonstração efectiva que foi a partir de tenra idade que Leite de Vasconcelos definiu o percurso da sua vida como cientista social; a vida de médico, com garantia de melhores condições económicas e de maior prestígio social, logo no início de vida, dando continuidade a um curso de Medicina realizado com sucesso, substituiu-as pela dedicação completa à Filologia, à Etnografia, à Etnologia e à Arqueologia.

Verifica-se, nestas cartas, uma propensão inata para a investigação e a presença de uma racionalidade metodológica, que haveria de resultar numa obra vastíssima e de inegável valor. Na verdade, como referiu Orlando Ribeiro, “a gigantesca figura de José Leite de Vasconcelos domina quase um século da Etnografia portuguesa. Autor, neste campo, de uma obra vasta e concebida com largueza, deixou atrás de si um vazio, mal povoado por amadores, colectores de boa vontade mas sem preparação, e animado com ‘manifestações folclóricas’ frequentes, organizadas por entidades oficiais que *arranjando* os produtos do povo, lhes tiram o carácter espontâneo e autêntico” (Ribeiro, 1974, p. 386). A sua obra havia resultado, durante a juventude, não só da propensão inata anteriormente referida, mas também da associação de uma determinação invulgar e de uma grande dedicação ao trabalho. Estas características marcaram a sua vida, com a sensibilidade para o rigor e para o ordenamento das matérias recolhidas, abarcando tudo o que tivesse interesse para o seu estudo, o que o obrigou, desde cedo, a sistematizar, a classificar e a comentar, tal como acontecia com a escrita do seu primeiro “romance”.

A determinação e a coerência de Leite de Vasconcelos, como cientista social, permitem-nos, desde agora, inferir que, de jovem a adulto, foi sempre o mesmo homem.

## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, N. (s/d) – E a luz faz-se! A fábrica de gás do Bom Sucesso. In *Aquém-e-Além-Mar. Selecta Portuguesa* (1933). Lisboa: Livraria Popular.

D. Armindo Lopes Coelho [Consult. 13 Jan. 2008]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.ecclesia.pt/porto/destaque/congresso.html>>.

BONIFÁCIO, M. Fátima (2002) – *O século XIX português*. Lisboa: ICS.

BRANDÃO, D. de P. (1959) – *José Leite de Vasconcelos*. Porto: Maranus. Sep. do “Boletim Cultural”. Porto. vol. XXI:3-4 (1958).



- BURGESS, Robert G. (2001) – *A Pesquisa de Terreno. Uma Introdução*. Oeiras: Celta.
- CARVALHO, A. A. de; CARDOSO, A. Monteiro (1971) – *Da Liberdade de Imprensa*. Lisboa: Editora Meridiano.
- CORCUFF, Ph. (2001) – *As Novas Sociologias*. Sintra: Vaal.
- CHRISTELLO, H. e CHRISTELLO, C., org. (2007) – *Galiza: Berço da Lusofonia*. [Em linha]. Arcosonline.com [Consult. 13 Jan.2008]. Disponível em WWW: <URL: www.terminometro.info/modules/articles/publications/index.php?ln= pt&start =80-72k->.
- X RECENSEAMENTO GERAL (1964) – Lisboa: INE - Instituto Nacional de Estatística.
- DUARTE, J. C. (1994) – *Resende e a sua história*. Resende: Câmara Municipal. vol. 1: o Concelho.
- ELLMERICH, L. (1988) – *História da Dança*; São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- FREUND, J. (1977) – *A teoria das ciências humanas*. Lisboa: Sociocultur.
- GIDDENS, A. (2000) – Viver numa sociedade pós-tradicional. In BECK, U; GIDDENS, A.; LASH, S. – *Modernização Reflexiva*. Oeiras: Celta Editora.
- GRANDE Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (s/d). Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia Lda. vols. 3, 5, 6, 9, 12, 14, 15, 17, 25, 33.
- GUERRA, I. (2006) – *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo, Sentidos e formas de uso*. Estoril: Pincipia.
- GUERREIRO, M. V. (1994) – Notas para uma biografia do Doutor José Leite de Vasconcelos. *Revista Lusitana*. Nova Série, 12. Lisboa. p. 53-79.
- IPM. [Consult. 1 Fev. 2008]. Disponível em WWW: <URL: http:// www. ipmuseus.pt>
- MARQUES, A. H. de O. (1981) – *História de Portugal*. Lisboa: Palas Ed. vol. III.
- MENDES, J. A. (1993) – Comércio, transportes e comunicações. In MATTOSO, J., dir. – *História de Portugal. O Liberalismo*. Lisboa: Círculo de Leitores. vol. 5. p. 355-379.
- MUMFORD, L. (1982) – *A cidade na história - suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, Editora Universidade de Brasília.
- NAZARETH, J. M. (1979) – *O Envelhecimento da População Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, Gabinete de Investigações Sociais.
- NUNES, A. S. (2001) – *Questões preliminares sobre as Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.
- OLIVEIRA, C. (1996) – Os Municípios no Liberalismo Monárquico Constitucional. In OLIVEIRA, C., dir. – *História dos Municípios e do Poder Local. Dos finais da Idade Média à União Europeia*. Lisboa: Círculo de Leitores. p. 179-241.
- PAIS, J. M. (1993) – A contextualização sociológica pela vida do quotidiano. In *Estruturas sociais e desenvolvimento*. Lisboa: Fragmentos. p. 519-531. Actas do II Congresso Português de Sociologia. vol. II.
- PARK, R. E. (1916) – A Cidade: sugestões para a Investigação do comportamento humano no meio urbano. In VELHO, O. G., org. - *O Fenómeno Urbano* (1987). Rio de Janeiro: Editora Guanabara. p. 27-67.
- PINHEIRO, M. de A. (1979) – Investimentos estrangeiros, política financeira e caminhos-de-ferro em Portugal na segunda metade de século XX. *Análise Social. Revista do Gabinete de Investigações Sociais*. 2ª série, vol. XV, n.º 58. Lisboa. p. 265-286.

- PINTO, J. M. (1981) – Solidariedade de vizinhança e oposição de classe em colectividades locais. *Análise Social*. Lisboa. vol. XVII (66), p. 199-229.
- REFERÊNCIAS. *O Porto na VIII Cimeira Ibero-Americana* (1998). Porto: [s.n.].
- RIBEIRO, O. (1960) – Vida e Obras de José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcelos. Livro Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- RIBEIRO, O. (1974) – Notas de Leite de Vasconcelos acerca da vida comunitária. In *In Memoriam António Jorge Dias*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura – Junta de Investigações Científicas do Ultramar. vol. II, p. 385-392.
- RODRIGUES, A. S. – coord. (2000) – *História de Portugal em Datas*. Lisboa: Temas e Debates.
- SARACENO, Chiara (1992) – *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa.
- SARAIVA, J. H.; GUERRA, M. L. (1998) – *Diário da História de Portugal. Monarquia Liberal e República*. Lisboa: Difusão Cultural. vol. 3.
- SERRÃO, J. V. (1988) – *História de Portugal {1832 - 1851}*. Lisboa: Verbo. vol. VIII.
- SERRÃO, J. V. (1989) – *História de Portugal {1851 - 1890}*. Lisboa: Verbo. vol. IX.
- TEMPOS e Lugares de Memória. In *I Congresso de Investigação sobre a Diocese do Porto*. Porto, Arouca: Centro de Estudo D. Domingos de Pinho Brandão, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. [Consult. 15 Jan. 2008]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.ecclesia.pt/porto/destaque/congresso.html>>
- WIRTH, L (1938) – O Urbanismo como Modo de Vida. In VELHO, O. G., org. - *O Fenómeno Urbano* (1987). Rio de Janeiro: Ed. Guanabara. p. 91-113.